

A Literatura de Escravos & *Revolta de Escravos* **O Sermão Sangrento de Nat Turner**

Organização, tradução e notas: José Luiz Pereira da Costa



As narrativas de escravos se inserem na literatura norte-americana, com relatos que se iniciam, em 1772, com detalhes da vida de James Albert Ukawasaw Gronniosaw, um príncipe africano, como relatada pelo próprio, com o título de “Notáveis Particulares da Vida”, desse pioneiro autobiográfico.

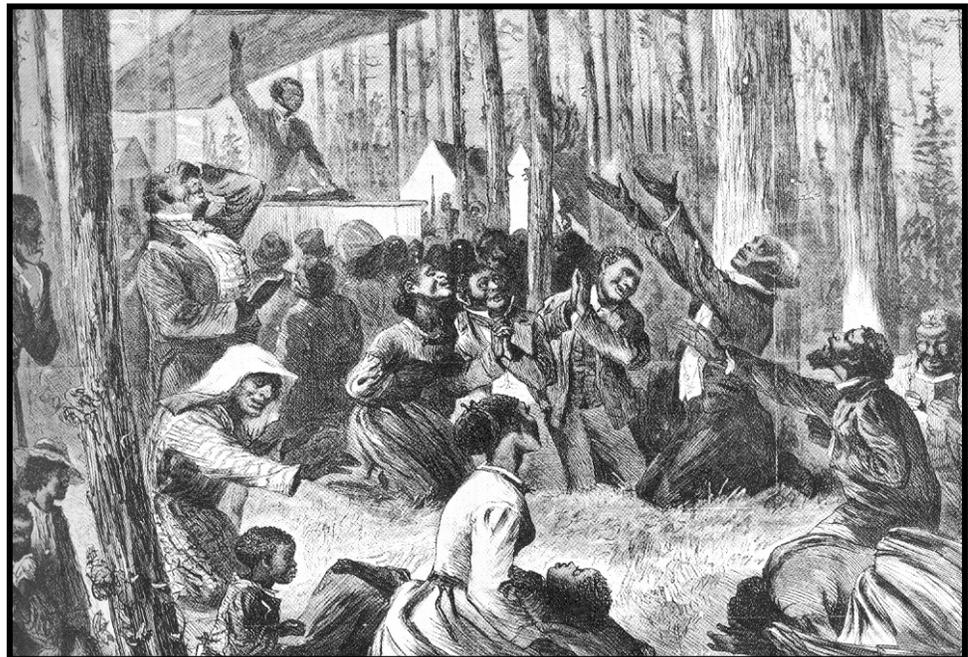
Uma dezena de anos adiante, aparece “A Interessante Narrativa da Vida de Olaudah Equiano, ou Gustavo Vassa, o Africano, Escrita pelo Próprio”, era 1789.

Nessa cronologia, em 1831, o autor de um sangrento movimento de libertação de escravos, Nat Turner, se torna personagem de um trabalho literário de terceiro, Thomas R. Gray, que escreve o que chamou de “Confissões de Nat Turner¹, o Líder de uma Insurreição em Southampton, Va.”

Em 1845, Frederick Douglass torna conhecida uma de suas autobiografias.

Alguns capítulos dessa, seguem-se abaixo.

William



¹ - Também traduzido nesta página.

Wells Brown, também escreve sua autobiografia, com o título “Narrativa de William W. Brown, um Escravo Fugitivo, escrita pelo próprio”. Isto em 1847.

Dois anos adiante, aparece a “Narrativa da Vida e Aventuras de Henry Bibb, Um Escravo Americano, Escrita pelo Próprio”, este já conta com uma introdução, de Lucius C. Matlack,

Em 1850 é publicado o livro “Narrativa de Sejourner Truth, Uma Escrava Nortista, Emancipada da Escravidão pelo Estado de Nova York, em 1828”. Esta abolicionista, ex-escrava, veio a ser homenageada pela NASA, que no projeto Mars Pathfinder, de 1997, colocou o nome de Sejourner no robô explorador de Marte.

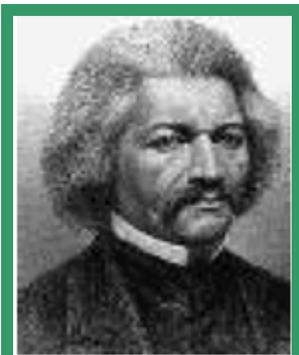
Em 1860, um casal de escravos fugitivos, William e Ellen Craft, deixou em livro sua experiência, que foi assim denominada: “Fugindo Mil Milhas em Busca da Liberdade, ou A Fuga de William e Ellen Craft da Escravidão”.

Em 1861, Harriet Ann Jacobs publica: “Incidentes na Vida de uma Jovem Escrava. Escritos por Ela Mesma”.

Por último, Jacob D. Green, dá conta de suas tentativas de fuga, no livro “Narrativa da Vida de J. D. Green, um Escravo Fugitivo do Kentucky, Contendo o Relato de Três Fugas, em 1839, 1846 e 1848(1864).

Estas histórias podem ser encontradas, numa só obra, intitulada “Salve Narratives”, uma edição da “The Library of América”, e adquirida nas livrarias virtuais americanas na Internet.

Frederick Douglass (1817?-1895)



Nascido escravo no condado de Talbot, Maryland, Frederick Douglass livrou-se da escravidão em 1838 para tornar-se líder do movimento anti-escravista e, após a Guerra Civil, da luta pelos direitos dos negros. Escreveu três autobiografias, em diferentes estágios de sua vida, clássicos do rico, extensivo, e ainda não contaminado, estilo de escrever conhecido como "narrativas de escravos". A primeira, *Narrativa da Vida de Frederick Douglass, um Escravo Americano*, foi publicada em 1845 no Escritório Anti-escravista, em Boston, quando as memórias dos seus tempos de cativo estavam aguçadas e vívidas. Dez anos mais tarde, uma mais ampla autobiografia, intitulada *Minha Escravidão e Minha Liberdade*, foi publicada em Nova York. A terceira, *Vida e Situação de Frederick Douglass*, foi publicada primeiramente em sua forma definitiva em 1892. Foi famoso como orador anti-escravista durante a Guerra Civil, ajudando a recrutar soldados negros para os Regimentos 54° e 55°, de Massachusetts. Aguerrido defensor da emancipação dos escravos, após a guerra permaneceu ativo na luta para manter e proteger os direitos dos negros livres. Em sua vida, desempenhou diversas atividades oficiais, entre elas a de secretário da Comissão de Santo Domingo, delegado e escrivão do Registro de Mortes do Distrito de Columbia e ministro dos Estados Unidos junto ao Haiti. A seleção a seguir é parte de sua autobiografia de 1845.

Nota: O original foi extraído do Projeto Gutenberg, que visa a difusão gratuita de material cultural de domínio público. O texto em inglês está disponível na Internet, ou pode ser comprado em inúmeras edições, nas livrarias do tipo Amazon.com. A tradução e notas em português são propriedade intelectual de José Luiz Pereira da Costa, registradas na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Brasil.

Narrativa da vida de

FREDERICK DOUGLASS

Um escravo americano

Capítulo I

Eu nasci em Tuckahoe, próximo de Hillsborough, a doze milhas de Easton, no condado de Talbot, Maryland. Eu não tenho certeza de minha idade, pois nunca vi qualquer documento confiável a este respeito. A grande maioria dos escravos sabe tanto a respeito de idade, quanto os cavalos, e é do interesse dos senhores, tanto quanto sei, manter os escravos assim ignorantes. Não me recordo de haver, jamais, encontrado um escravo que soubesse o dia de seu nascimento. Comumente, se aproximam da data, ligando-a ao tempo de plantio, ao tempo de colheita, à época das cerejas, à primavera, ao outono. Um desejo de informação a meu respeito constituiu-se em fonte de infelicidade durante minha infância. As crianças brancas podiam dizer suas idades. Eu não podia dizer por que não possuía o mesmo privilégio. Eu não podia fazer qualquer pergunta ao meu senhor a tal respeito. Ele considerava este tipo de indagação como imprópria e impertinente, e constituía-se evidência de um temperamento turbulento. A melhor estimativa que pude fazer até agora, diz-me que estou entre os 27 e

28 anos de idade. E cheguei a isto, de ouvir meu senhor dizer que, em torno a 1835, eu estava com 17 anos.

Minha mãe chamava-se Harriet Bailey. Era filha de Isaac e Betsey Bailey, ambos de cor e bastante pretos, sendo que minha mãe era ainda mais escura do que, tanto meu avô quanto minha avó. Sem dúvida, um banco era meu pai, fato que teve de admitir, segundo conversa de meus parentes.

Falavam, também, que meu senhor era meu pai; mas, quanto a correção dessa opinião nada sei; os meios de saber isto me foram negados. Minha mãe e eu fomos separados quando eu era criança, antes mesmo que eu soubesse que ela era minha mãe. É costume popular, da parte de Maryland de onde fugi, separar a criança da mãe a uma idade bem tenra. Freqüentemente, antes de a criança alcançar o seu décimo segundo mês, a mãe é afastada do filho e arrendada para alguma fazenda a grande distância. A criança fica aos cuidados de uma mulher velha, já imprestável para os trabalhos de campo. Por que fazem essa separação eu não sei, a menos que seja para impedir que a criança desenvolva especial afeição para com a mãe, e abrandar e destruir a afeição natural da mãe para com o filho. Este o resultado inevitável.

Eu nunca vi minha mãe, tendo-a como tal, por mais do que quatro ou cinco vezes, cada uma delas rapidamente, à noite. Ela foi arrendada para um senhor Stewart, que vivia a cerca de 12 quilômetros de minha casa. Para ver-me, percorria a pé toda essa distância, após sua jornada de trabalho, sempre de noite. Ela era peoa do campo, assim que a penalidade por não estar na fazenda, quando do alvorecer, é a chibata, a menos que possuísse uma permissão especial concedida por seus amos, o que raramente obtinha, e aquele que concedia tinha o pomposo nome de *bom*

senhor. Eu não tenho lembrança de haver visto minha mãe à luz do dia. Ele esteve comigo à noite. Ela gostaria de deitar-se comigo, fazendo-me dormir, mas, bem antes de eu acordar, ela se havia ido. Muito pouco de comunicação ocorreu entre nós. A morte logo em seguida terminou com o pouco que pode ter havido entre nós enquanto ela viveu, e com sua miséria e sofrimento, também. Ela morreu quando eu teria cerca de sete anos, numa das fazendas de meu senhor, próximo do moinho do Lee. Não me permitiram vê-la durante o tempo de sua enfermidade, ou quando de sua morte; sequer de seu enterro. Ela se fora muito antes de eu saber a respeito dessas coisas. Nunca desfrutei, nem um pouco, sua tranqüilizante presença, sua delicada e vigilante proteção; eu recebi os fatos de sua morte com as mesmas emoções que sentiria com a morte de um estranho.

Chamada assim repentinamente, deixou-me sem a menor informação sobre quem era meu pai. Os cochichos de que meu pai era o amo podem ser ou não verdadeiros; mas, legítimos ou falsos, são de pequena conseqüência para meus propósitos, enquanto permanece o fato, em toda a sua luminosa odiosidade, de que os senhores de escravos ordenaram, e pela lei estabeleceram, que o filho de uma escrava deve, em todos os casos, manter a mesma condição de sua mãe; e isto é feito obviamente para administrar sua própria luxúria, e gratificar-se com seus perversos desejos lucrativos e prazenteiros; pois com esse esperto arranjo, o senhor de escravos, não poucas vezes, mantém para com seus escravos a dupla posição de senhor e pai.

Eu conheço tais casos; e vale assinalar que esses escravos sofrem invariavelmente maiores penas e têm mais contra o que lutar do que os outros. Eles são, em primeiro lugar, uma afronta constante à sua patroa. Ela está sempre disposta a encontrar uma falta neles; eles pouco podem

fazer para agradá-la; ela nunca se sente melhor do que ao vê-los sob o chicote, especialmente quando suspeita de que o marido está dispensando especial atenção, não estendida aos demais, para seu menino mulato. O senhor é usualmente impelido a vender esse tipo de escravo, em deferência ao sentimento de sua esposa branca; e, cruel como possa ser a ação de um homem vender seu próprio filho para um comerciante de carne humana, é, por vezes, uma imposição de humanidade assim agir, porque, se assim não o fizer, terá que, ele mesmo, chicoteá-lo, ou assistir outro filho branco amarar seu meio-irmão, talvez apenas um pouco mais claro do que ele, e vergastar a ensangüentada chibata em seu dorso nu; e, se ele balbucia alguma palavra de desaprovação, é levada à conta de parcialidade consangüínea, o que apenas transforma o ruim em pior, tanto para si mesmo, quanto para o escravo a quem desejava proteger ou defender.

Cada ano trás consigo uma multidão deste tipo de escravos. E é em conseqüência disto que um grande estadista do Sul previu a decadência da escravidão por inevitáveis leis demográficas. Desconhece-se se será cumprida ou não esta profecia; é sem dúvida evidente que toda uma classe de gente, de aspecto diferente, está surgindo no Sul, mantidos agora em cativeiro, por aqueles originariamente trazidos da África para este país; e se sua proliferação não resultar em nada mais de bom, irá livrar-nos da força de argumento segundo o qual Deus amaldiçoou Cão², e, em sendo assim, a escravidão americana é justa. Se os descendentes de Cão são os únicos a serem, pelas escrituras, mantidos no cativeiro, é certo que a escravidão no Sul deverá em breve tornar-se herética, pois milhares são introduzidos

² Os filhos que Noé concebeu, aos 500 anos de idade, para ajudá-lo na arca, foram Sem, Cão e Jafé(Ge:5:32). Cão gerou Cuxe, Sebá, Mizraim, Pute e Canaã(Ge:10:6). E Canaã foi amaldiçoado, para que "seja servo dos servos de seus irmãos" (Ge:9:25). N.doT.

no mundo anualmente, que, como eu, devem sua existência a pais brancos, estes, freqüentemente, seus próprios amos.

Eu tive dois senhores. O primeiro chamava-se Anthony. Não me recordo de seu primeiro nome. Era, via de regra, chamado de capitão Anthony — um título que, presumo, adquiriu por navegar de barco na baía de Chesapeake. Ele não era considerado um rico proprietário de escravos. Possuía duas ou três fazendas e cerca de trinta escravos. Suas fazendas e escravos eram cuidados por um feitor. O nome dele era Plummer. O senhor Plummer era um miserável bêbado, um profano praguejador e um monstro selvagem. Ele andava sempre armado com um relho de couro e um pesado bastão. Eu soube que ele havia cortado e espicaçado a cabeça de mulheres de forma tão horrível que mesmo o amo teria ficado encolerizado com sua crueldade e ameaçou de chicoteá-lo. O amo, todavia, não era um humano senhor de escravos. Seria necessária uma dose muito grande de barbaridade do feitor para que ele se importasse. Era um homem cruel, embrutecido pela longa vida de senhor de escravos. Às vezes, parecia que lhe dava imenso prazer em açoitar os escravos. Algumas vezes fui acordado no nascer do dia pelos mais pelos gritos pungentes de uma tia, a qual ele costumava amarrar a uma trave e açoitá-la até que suas costas desnudas ficassem completamente cobertas de sangue. Nem palavras, nem lágrimas, nem apelos de sua ensangüentada vítima pareciam afastar seu coração de ferro do sanguinário propósito. Quanto mais alto ela gritava, mais ele vergastava; de onde o sangue jorrava, ali ele batia mais. Ele açoitava para fazê-la gritar; açoitava-a para fazê-la calar; somente a fadiga o fazia cessar de brandir seu relho ensangüentado. Eu lembro a primeira vez que assisti a esse horrível espetáculo. Eu era ainda uma criança, mas me lembro bem. Eu nunca vou deixar de lembrar isto, enquanto de algo

ainda me recordar. Esta era a primeira de uma serie de afrontas das quais eu estava condenado a testemunhar e participar. Isto me atingiu com impacto terrível. Era o portão sanguinolento, a entrada para o inferno da escravidão, através do qual eu estava na iminência de passar. Era o mais horrível espetáculo. Desejaria poder transferir para o papel o sentimento com que compreendi isto.

O fato deu-se logo após eu haver ido morar com meu antigo senhor, e sob as seguintes circunstâncias: Tia Hester saiu uma noite — aonde foi, ou o que foi fazer, não sei — e aconteceu de estar ausente num momento em o amo desejou sua presença. Ele a havia avisado de não sair à noitinha e que ela nunca deveria ser encontrada em companhia de um certo jovem que a cortejava e que pertencia ao coronel Lloyd. O nome do jovem era Ned Roberts, mais conhecido como Ned do Lloyd. Por que o amo estava tão preocupado com ela pode ser deixado para conjecturas. Ela era uma mulher de porte nobre, graciosa, poucas havia como ela, e ,menos ainda, melhores, quanto à aparência pessoal, em meio às mulheres brancas e negras da vizinhança.

Tia Hester não somente havia desobedecido às ordens e saído, mas foi encontrada em companhia de Ned, circunstância que, pelo que ele dizia enquanto açoitava, havia sido a causa principal. Fosse ele um homem de moral, e estaria interessado em proteger a ingenuidade de minha tia; mas aqueles que o conheciam não lhe creditam qualquer virtude.

Antes de iniciar o açoitamento de tia Hester, levou-a até a cozinha, onde desnudou-a do pescoço até a cintura, deixando inteiramente despidos os ombros e as costas. Então a obrigou a cruzar as mãos, enquanto chamava-a de d — d b — h. Após ter as mãos cruzadas, enlaçou-as com uma corda forte e mandou-a subir num banquete, ao mesmo tempo em que

fixou suas mãos à uma das traves da cumeeira. Ele estava agora preparado para seu propósito infernal. Seus braços encontravam-se esticados ao máximo, de forma que ela tinha de apoiar-se nos dedos dos pés. Ele então lhe disse: "Agora você d — d b — h, vou ensiná-la como desobedecer minhas ordens". E após arregaçar as mangas, iniciou a bater com seu pesado relho. Em seguida, o morno sangue vermelho (misturado angústia e gritos dela; horríveis blasfêmias dele) começou a pingar no chão. Eu estava ali tão terrificado e acometido de horror que me escondi num quartinho do qual não me aventurei sair, não antes de haver há muito sido encerrada a sanguinária cena. Eu imaginava que o seguinte seria eu. Tudo era novidade para mim. Nunca havia visto algo como aquilo. Eu vivera sempre com minha avó nas imediações da plantação, onde ela foi instalada para criar os filhos das mulheres jovens. Eu me mantive assim, então, longe das cenas sanguinárias que ocorriam na plantação.

Capítulo VI

Minha nova senhora mostrou-se por inteiro, quando pela primeira vez a encontrei à porta — uma mulher de boníssimo coração e do mais fino sentimento. Ela nunca antes havia tido sob seu controle um escravo, até que eu cheguei, e antes de casar ela havia sido dependente de si mesma para viver, fruto de sua profissão de tecelã, e pela constante dedicação a seu ofício, se manteve, em grande parte, à margem do efeito deletério e inumano da escravidão. Fiquei maravilhado ante sua bondade, e não sabia como me comportar à sua frente. Ela era completamente ímpar comparada

com outras mulheres brancas que eu havia visto. Tudo o que havia aprendido, no trato com essa ama, tornara-se inadequado. A curvatura servil, tão aceita como qualidade de um escravo, não obtinha resposta quando a ela se dirigia. Sua graça na era obtida por esse instrumento, ao contrário, isto parecia perturbá-la. Ela não considerava ofensivo, nem inadequado, um escravo olhar-lhe no rosto. O mais humilde dos escravos, posto à sua frente, não saiu sem sentir-se melhor. Seu rosto era formado de sorrisos celestiais e sua voz uma música suave.

Mas, por Deus! Esse bom coração teve pouco tempo para assim permanecer. O veneno fatal do poder irresponsável já estava em suas mãos e bem cedo começou seu efeito letal. Aqueles olhos alegres, sob a influência da escravidão, cedo tornaram-se vermelhos como a fúria; aquela voz, toda feita de suaves acordes, mudou para um áspero díssono; e a face angelical cedeu a do demônio.

Pouco depois eu haver ido morar com o senhor e senhora Auld, ela gentilmente começou a ensinar-me o abc. Depois disto, ela me ensinou como soletrar palavras de três ou quatro letras. Exatamente neste ponto de meu aprendizado, o senhor Auld descobriu o que se passava e proibiu sua mulher de continuar me ensinando, dizendo-lhe, entre outras coisas, que era ilegal, bem como perigoso ensinar escravos a ler e escrever. Em suas próprias palavras, ele disse: " Se você dá a um preto um milímetro, ele abocanhará um metro. Um preto nada deve saber, além de como obedecer seu amo — fazer o que lhe é mandado. O conhecimento haverá de estragar o melhor preto do mundo. Agora,"ele acrescentou, "se você ensinar esse negro (falando a meu respeito) a ler não haverá como conservá-lo. Ele jamais se adequará à condição de escravo. Vai tornar-se rebelde e, assim, sem valor para o amo. Até para si próprio isto resultaria ruim, pois fonte

potencial de sofrimento. Isto o tornaria desgostoso e infeliz". Tais palavras calaram fundo em meu coração, agitando sentimentos adormecidos, fazendo nascer novos pensamentos. Era uma revelação nova e especial, explicando coisas sombrias e misteriosas, contra as quais lutou, e lutou em vão, minha compreensão juvenil. Eu entendia então o que havia sido para mim a mais espantosa dificuldade — conhecer, o poder do branco em escravizar o negro. Foi uma grande conquista, e eu valorizei-a imensamente. Daí em diante eu conheci o caminho, da escravidão para a liberdade. Era exatamente o que desejava e consegui quando menos esperava. Enquanto estava pesaroso por haver perdido o arrimo de minha gentil ama, rejubilava-me pela valiosa instrução que, por mero acidente, recebera de meu amo. Embora sabedor da dificuldade de aprender sem um professor, eu tomei a decisão de aprender a ler, não importando qual o esforço ou o obstáculo a vencer. A maneira firme com que ele falou e a ênfase que deu para impressionar sua esposa das conseqüências maléficas de dar-me instrução, serviram para convencer-me que ele acreditava honestamente nas verdades que estava dizendo. Isto deu-me a total certeza de que deveria acreditar com absoluta confiança na obtenção dos resultados que ele apregoou adviriam do aprendizado. O que ele mais temia era o que eu mais desejava. O que ele mais amava, era o que eu mais odiava. Aquilo que para ele era um grande mal, a ser cuidadosamente afastado, era para mim uma grande coisa a ser diligentemente alcançada; e o argumento que ele tão calorosamente defendeu, contra meu aprendizado da leitura, apenas motivou-me e insuflou-me o desejo e a determinação de aprender. Em aprendendo a ler, eu fiquei em débito tanto à amarga oposição de meu senhor, quanto à bondosa ajuda de minha senhora. Eu reconheço o auxílio de ambos.

Pouco tempo após morar em Baltimore, notei uma assinalada diferença entre o tratamento dispensado aos escravos e aquele que presenciei no campo. Um escravo urbano, se comparado com o das fazendas, é quase um homem livre. Ele é melhor alimentado e vestido e desfruta de privilégios desconhecidos nas fazendas. Há um vestígio de decência, um sentimento de vergonha que serve para frear o surgimento de atrocidades tão comuns nas plantações. Quem assim agir será um desesperado escravista que irá chocar, com o grito lacerante de seus escravos, o senso de humanidade e seus vizinhos não escravistas. Poucos desejam ser tachados de senhores cruéis; e, acima de tudo, não desejam obter a má fama de não dar aos escravos o bastante para comer. É uma preocupação do proprietário urbano de escravos, que todos saibam que ele alimenta bem seus servos; e é dever reconhecer-se que a maioria deles alimenta bem seus criados. Existem, todavia, algumas exceções dolorosas. Do lado oposto a nós, na Rua Philpot, vivia o Sr. Thomas Hamilton. Ele possuía dois escravos. Chamavam-se Henrietta e Mary. Henrietta tinha aproximadamente vinte e dois anos de idade e Mary uns quatorze; e eram as pessoas mais macilentas e estropiadas que eu havia conhecido. Seu coração deveria ser mais duro do que pedra, a olhar indiferente. A cabeça, o pescoço e os ombros de Mary eram literalmente cortados em pedaços. Observei com freqüência sua cabeça e constatei estar coberta de chagas purulentas, causadas pela chibata de sua cruel senhora. Eu não sei se o senhor alguma vez a açoitou. Porém, fui testemunha ocular, mais de uma vez, da crueldade da senhora Hamilton. Eu ia à casa do Sr. Hamilton praticamente todos os dias. A senhora costumava sentar-se numa grande cadeira, no meio da sala, com um pesado relho sempre a seu lado, e rara era a ocasião em que o relho não se manchava com o sangue de uns dos

escravos. Quando as mulheres passavam por ela, sempre dizia: "Rápido, bisca negra!", ao mesmo tempo em que fazia vibrar, sobre a cabeça ou os ombros, o açoite do relho, geralmente fazendo sangrar. E acrescentava: "Te limpa, bisca negra, se não andas depressa vou te fazer andar". As cruéis chibatadas a que sujeitavam esses escravos, os deixavam em estado de quase inanição. Desconheciam o que era uma refeição completa. Ví Mary disputando com porcos os restos que seriam lançados ao lixo. Tanto sofreu, tantas marcas tinha Mary, que era mais conhecida pelo apelido de a *lanhada* do que por seu próprio nome.

Capítulo VII

Eu vivi com a família do senhor Hugh mais ou menos sete anos. Durante esse período eu consegui aprender a ler e escrever. Para conseguir isto, tive de valer-me de diversos artifícios. Não tinha um mestre permanente. A patroa que, gentilmente havia iniciado meu aprendizado, face à posição do marido, não apenas o interrompeu, mas determinou que eu não recebesse instrução de mais ninguém. Devo, a bem da verdade, em favor de minha patroa, dizer que ela não adotou essa posição de imediato. Em primeiro lugar, se lhe faltava a necessária perversão para manter-me na completa ignorância. Seria necessário para ela ter, pelo menos, alguma experiência no exercício de poder irresponsável, que a nivelasse à capacidade de tratar-me como se eu fosse um animal.

Minha patroa era, como já disse antes, uma mulher de bom coração e, na simplicidade de sua alma, iniciou, quando fui morar na fazenda, a tratar-me da maneira como entendia um ser humano deve tratar outro. Investindo-se nos encargos de senhora de escravos, parece não haver ela

percebido que eu me relacionava consigo na condição de sua propriedade, e que, tratar-me como um ser humano, não apenas era errado como também perigoso. A escravidão mostrou-se prejudicial, tanto para ela, quanto para mim. Quando cheguei, ela era uma pessoa piedosa, cordial e de bom coração. Sempre havia uma lágrima para a tristeza ou o sofrimento. Tinha pão para os famintos, vestimenta para os desnudos e conforto para os que pranteavam. A escravidão, em seguida, mostrou sua capacidade de aniquilar suas qualidades celestiais. Sob sua influência o coração terno empederniu e sua feição de cordeiro cedeu lugar à ferocidade de um tigre. O primeiro passo em sua decadência foi haver cessado de instruir-me. Ela passou a seguir os conselhos do marido. E tornou-se mais dura em sua oposição do que o próprio marido. Ela não se deu por satisfeita em apenas seguir o que ele havia mandado, ela mostrava-se sequiosa de fazer melhor. nada parecia fazer-lhe mais zangada do que ver-me com um jornal. Ela parecia pensar que ali estava o perigo. Experimentei sua zanga, um olhar de fúria, correndo em minha direção, para arrancar-me das mãos um jornal, tudo de uma forma que revelava sua apreensão. Ela era uma mulher inteligente; e a experiência demonstrou-lhe logo em seguida serem incompatíveis instrução e escravidão.

Nesse período, eu era bastante vigiado. Se ficasse por algum tempo longe da vista de minha senhora a suposição era de que eu estava lendo algum livro e, assim, era chamado a dar explicação. Tudo isto, entretanto, chegou muito tarde. A patroa, ensinando-me o alfabeto, deu-me o *milímetro* e nada poderia afastar-me de conseguir o *metro*. A estratégia que adotei, e que parece foi a que melhor frutificou, foi a de fazer amizade com todos os meninos brancos que pude na rua. A maioria dos que pude, transformei em meus professores. Com seu apoio, em momentos, lugares e ocasiões

diversas, finalmente consegui ler. Quando minha tarefa era de mensageiro, sempre levava um livro comigo, de forma que, cumprindo meu dever, o mais rápido possível, encontrava tempo para aprender algo antes de voltar. Também carregava pão comigo, pois na casa ele não era escasso, e a quantidade que possuía era sempre superior à disponível nas casas da vizinhança, de brancos pobres. O pão, usava-o para distribuir entre esses famintos que, em troca, davam-me o mais valioso pão, o do conhecimento. Sinto-me grandemente tentado a dar o nome de dois ou três desses meninos, como testemunho de minha afeição e agradecimento, porém, a prudência me impede, não que isto me prejudique, senão que possa embarçá-los, posto que é uma afronta imperdoável ensinar escravos a ler nesta comunidade cristã. Seria bastante dizer que esses prezados jovens amigos viviam na Rua Philpot, muito próximo do estaleiro Durgin e Bailey. A questão da escravidão eu também conversava com eles. Quis dizer-lhes, algumas vezes, meu desejo de poder se livre da mesma forma que eles ansiavam por ser adultos e emancipados. "Vocês serão livres assim que cheguem aos vinte e um anos, *mas eu sou escravo para sempre!* Não tenho o direito de ser tão livre quanto vocês? Essas palavras costumavam perturbar-lhes; eles expressavam sempre a mais vívida simpatia por mim e manifestavam o desejo de que algo viesse a ocorrer que me tornasse livre.

Eu tinha, então, doze anos e a convicção de *ser escravo para sempre*, começou a pesar fortemente sobre meu coração. Pois nessa oportunidade caiu-me nas mãos o livro intitulado "*The Columbian Orator*" (O orador Colombiano). Toda a oportunidade que tive, usei-a para ler esse livro. Em meio a muitas coisas interessantes, recolhi um diálogo entre um amo e seu escravo, este retratado como alguém que fugiu três vezes. O colóquio representa a conversa que mantiveram, quando o escravo havia

sido recapturado pela terceira vez. Na conversa, todo o raciocínio em favor da escravatura, conduzido pelo senhor, foi destruído pelo escravo. Este alinhou argumentos marcantes e pungentes, em resposta ao seu amo — argumentos que levaram a um resultado, ainda que desejado, não esperado. A conversa levou à voluntária emancipação, pelo senhor, do escravo.

No mesmo livro, encontrei um dos poderosos discursos de Sheridan³, em defesa da emancipação dos católicos. Estes eram os meus favoritos. Eles deram voz a alguns pensamentos interessantes de meu ser, que freqüentemente lampejavam por minha mente, mas que desapareciam por não externá-los. O resultado que obtive do diálogo foi a força da verdade sobre a consciência, mesmo de um senhor de escravos. O que consegui de Sheridan foi uma corajosa denúncia da escravidão e uma poderosa reivindicação de direitos humanos. A leitura desses documentos permitiu-me externar meus pensamentos e enfrentar os argumentos em favor da escravidão; mas, enquanto eles aliviaram-me de uma dificuldade, trouxeram-me outra, ainda mais dolorosa. Quanto mais eu lia, mais eu era conduzido para abominar e detestar meus opressores. Eu não os podia ter, senão a conta de um bando de assaltantes bem sucedidos, que deixaram seus lares e foram à África e roubaram-nos de nossas casas e, numa terra estranha, transformaram-nos em escravos. Eu os abomino como sendo os mais vis, e, ao mesmo tempo, os mais perversos de todos os homens. A medida que lia e avaliava o tema, puxa! exatamente aquele descontentamento que o amo Hugh havia previsto haveria de se seguir à minha alfabetização já estava ocorrendo, atormentando e aguilhoando

³ Sheridan, Richard Brinsley, 1751_1816, Dramaturgo e político inglês, nascido em Dublin(N.do T.).

minha alma com indescritível angústia. Como já escrevi, muitas vezes julguei que o aprendizado havia sido para mim mais uma maldição do que uma benção. Ele desnudou minha desprezível e irremediável condição. Abriu meus olhos para o profundo poço em que estava metido, sem uma escada para dele sair. Em momentos de agonia, eu invejava meus companheiros escravos por sua estupidez. Desejei, mesmo, ser um animal. Eu preferiria a condição do mais insignificante réptil à minha. Qualquer coisa, fosse lá o quê, para livrar-me disto! E esta última consideração sobre meu estado é o que mais me atormentava. Não havia como sair disto. Qualquer coisa que visse, olhasse, que fosse animada ou inanimada, me tocava. O trunfo de prata da liberdade despertou minha alma para um estado de permanente alerta. A liberdade agora despontara, para nunca mais desaparecer. Eu a ouvia em qualquer som, e observava-a em todas as coisas. Estava sempre presente para atormentar-me, com a constatação de minha condição miserável. Nada eu podia ver, sem avistá-la; nada ouvia, sem ouvi-la; nada sentia, sem senti-la. Lá estava, em cada estrela; sorria, mesmo dentre os tranqüilos; sussurrava, em cada brisa, e agitava-se nas tempestades.

Comumente, lastimava minha vida e desejava estar morto. A esperança de ser livre evitou que eu chegasse ao suicídio ou fizesse algo que levaria a me matarem. Nesse estado de espírito ansiava por ouvir quem falasse sobre escravidão. Eu estava pronto para ouvir. Esparsamente, tinha notícia de algo a respeito dos abolicionistas, e isto ocorreu pouco antes de descobrir o significado da palavra, que era sempre usada num contexto que a fazia uma palavra interessante para mim. Se um escravo fugia e conseguia atingir a liberdade, ou se um escravo matava seu amo, queimava uma senzala, ou fazia algo muito errado, no conceito do

senhor de escravos, tais atos eram fruto da *abolição*. Ouvindo, assim, a palavra, nesse conjunto, despertou minha curiosidade e fui buscar seu significado. O dicionário ensejou-me pouco ou nenhum auxílio. Descobri que era “o ato de abolir”; então constatei não saber o significado de abolir. Fiquei perplexo. Não ousava indagar sobre seu sentido, pois me bastava ter consciência de que tratava-se de algo que desejavam eu ignorasse. Após paciente espera consegui um jornal que relacionava petições originárias do Norte, apelando pela abolição da escravatura no Distrito de Columbia e do fim do tráfico de escravos entre os estados. Então eu entendi a significação das palavras *abolição* e *abolicionista*, e sempre que as ouvia, procurava me aproximar de quem as falava, buscando saber de algo de meu interesse e de meus companheiros de cativeiro. A luz se fez sobre mim gradualmente. Um dia, fui até o cais do senhor Waters. Vendo dois irlandeses descarregando pedras de uma barcaça, embarquei e, sem que me pedissem, passei a ajudá-los. Quando terminamos, um deles veio a mim e perguntou, “És um escravo perpétuo?”, ao que respondi, sim. O bom irlandês pareceu ficar muito abalado pela minha resposta. E disse ao outro ser uma pena que um sujeito bom como eu fosse escravo para sempre. Disse que era uma vergonha escravizarem-me. Ambos aconselharam-me a fugir para o Norte; que encontraria amigos lá, onde seria livre. Eu fingi não estar interessado no que disseram e, mesmo, tratei-os como se não os entendesse, pois temi pudessem ser traiçoeiros. Brancos eram conhecidos como instigadores de escravos para que fugissem e, em seguida, obter recompensas com a caça dos mesmos e sua devolução aos amos. Eu temia que esses, supostamente bons, pudessem fazer o mesmo comigo. Porém, guardei seu conselho e, a partir daquela data, resolvi que fugiria. Eu era muito jovem para pensar fazê-lo em seguida; a mais, desejava aprender

a ler e escrever, com o que poderia redigir meu próprio salvo-conduto. Consolei-me com a esperança de que um dia encontraria uma boa oportunidade. Enquanto isto, deveria aprender a escrever.

A concepção de como haveria de aprender a escrever me foi sugerida, numa das visitas que fazia aos estaleiros Durgim e Bailey, vendo com freqüência os carpinteiros inscreverem, nas partes que compunham certas peças do navio, o local onde elas seriam fixadas. Quando uma peça era destinada ao lado esquerdo, recebia a letra B; quando para o lado direito, E; assim as peças para dianteira de bombordo recebiam DB. Quando para a dianteira de estibordo, DE. Para a popa de estibordo, PE. Para a popa de bombordo, PB. Em seguida aprendi o sentido dessas letras e qual sua razão de ser no navio. Passeio a copiá-las e, em pouco tempo, consegui dar-lhes nomes. Daí em diante, sempre que encontrava algum garoto que sabia ler eu o desafiava, dizendo que sabia ler tanto quanto ele, tendo como resposta “eu não acredito, quero que você prove”; então passava a escrever as poucas letras que afortunadamente havia aprendido, desafiando-o para que fizesse melhor. Com isto, recebi lições que não obteria de outra maneira. Durante este período, meu caderno eram os moirões das cercas, os tijolos dos muros e os pisos; minha caneta e tinta, um pedaço de giz — com os quais eu aprendi a escrever. Comecei então a copiar as palavras grifadas no dicionário *Webster*, até que as pude reproduzir sem olhar para o livro. Nessa época o meu pequeno mestre Thomas havia freqüentado a escola e, assim, enchera vários cadernos. Trazidos para casa, eles foram mostrados a alguns vizinhos e depois esquecidos num canto. Minha patroa freqüentava, às segundas feiras, uma paróquia, na Rua Wilk, e deixava a casa aos meus cuidados. Sozinho, ocupava o tempo copiando, nos espaços deixados nos cadernos, seu

conteúdo. Fui assim fazendo até ficar com a letra bem parecida com a do senhor Thomas. Então, após um longo e tedioso esforço de anos, finalmente conseguia escrever.

Capítulo X

Deixei a casa do senhor Thomas e fui viver com o senhor Covey, em 1º de janeiro de 1833. Tornava-me, pela primeira vez em minha vida, um trabalhador rural. Em meu novo emprego, senti-me mais desajeitado do que um caipira sentir-se-ia numa grande cidade. Eu estava há apenas uma semana, nessa casa, quando o senhor Covey açoitou-me violentamente, dilacerando a carne de minhas costas, fazendo o sangue correr e provocando cortes da largura de meu dedo mínimo. Os detalhes dessa ocorrência são os seguintes: O senhor Covey encarregou-me, numa manhã extremamente fria de janeiro, de buscar lenha no bosque. Mandou que eu usasse uma junta de bois ainda não amansados. Disse-me qual seria o boi de dentro e qual o de fora. A seguir, passou uma longa corda que envolvia os chifres do boi de dentro, entregando-me o outro extremo da mesma. Advertiu-me que, se os bois comesçassem a correr eu deveria sofreá-los, puxando a corda. Eu nunca antes havia conduzido bois, portanto, estava bastante desajeitado. Consegui, entretanto, marchar até o bosque sem maiores dificuldades; todavia, mal havia colocado alguns feixes de lenha na carroça quando um dos bois se assustou e começou a se agitar e, mesmo, deslocou-se com a carroça lançando-a contra as árvores. Eu via o instante em que eu também seria lançado contra os troncos. Após correr uma considerável distância, arremeteram a carroça contra as árvores e caíram num ervaçal. Como escapei da morte, não sei.

Lá estava eu, sozinho, na densa mata, um lugar completamente novo para mim. Minha carroça jazia adernada; meus bois engolidos pela ramada, e não havia ninguém para me ajudar. Após grande esforço, consegui colocar a carroça no prumo, desimpedir os bois e atrelá-los novamente. Ali estava, com minha parelha, no local onde, um dia antes, juntara madeira. Carregara a carroça com bastante peso, pensando assim domesticar meus bois. Feito isto, segui o caminho da casa. Havia, agora, gasto meio dia. Saíra do bosque sem problemas, e considerava-me longe do perigo. Parei a carroça e desci para abrir o portão do bosque. Mal me movimentara, soltando a corda, e os bois iniciaram desabalada correria em direção ao portão, batendo com a roda no moirão do marco, despedaçando a roda e por pouco não me esmagando contra o poste do portão. Em apenas um dia, duas vezes, por acaso, havia escapado da morte. Ao chegar, disse ao senhor Covey o que havia ocorrido. Ele determinou que eu voltasse de imediato, novamente, ao bosque. Fiz isto e ele foi atrás de mim. Assim que chegamos, ele determinou que parasse a carroça, pois iria me ensinar como desperdiçar meu tempo e quebrar portões. Foi em direção a uma grande seringueira, e, com o machado, cortou vários galhos, desfolhando-os cuidadosamente com um canivete. Mandou que eu tirasse minhas roupas. Não me movi. Ele repetiu a ordem, e mantive-me parado. Por isto, então ele correu em minha direção, com a raiva de um tigre e, começou a arrancar minhas roupas, e açoitou-me até gastar as varas, cortando minha carne de forma tão brutal, deixando as marcas visíveis por muito tempo depois. Este foi apenas o primeiro dos açoitamentos, por coisas similares.

Eu vivi com o senhor Covey por um ano. Durante os primeiros seis meses raras foram as semanas em que não fui açoitado e muito poucas vezes me livre das chagas nas costas. Minha falta de jeito constituía-se,

quase sempre, na desculpa para me açoitar. Eramos obrigados a trabalhar pesadamente até a resignação. Muito antes do alvorecer estávamos de pé, os cavalos alimentados; e os primeiros clarões do dia encontrávamo-nos trabalhando nos campos, com as enxadas e os arados. O senhor Covey dava-nos alimento o bastante, mas dispensava pouco tempo para comermos. Ficávamos no campo, desde os primeiros raios do dia, até que o derradeiro deles sumisse no horizonte; e, durante o tempo de guarda da forragem, a meia noite comumente nos encontrava a brandir as lâminas. Covey iria nos perder. A maneira que ele conduzia as coisas terminaria assim. Ele usava a maioria das suas tardes em dormir, ficando pronto e bem disposto para forçar-nos com suas palavras, exemplo e, freqüentemente, com seu chicote. O senhor Covey era um dos poucos senhores de escravos que sabiam e executava trabalhos manuais. Era um homem operoso. Ele sabia, por experiência própria, o que um menino ou um homem podiam fazer. Não podiam enganá-lo. O trabalho marchava quase da mesma forma em sua presença ou ausência; e ele sabia fazer-nos sentir que, mesmo ausente, ele estava ali. E o fazia surpreendendo-nos. Seguidamente, ele, de forma inesperada, aparecia nos locais onde trabalhávamos. Era tão astucioso que costumávamos chamá-lo, entre nós, de “a cobra”. Quando trabalhávamos nos milharais, alguma vezes chegava a rastejar para evitar que fosse visto, e de repente, aparecia em meio ao grupo, gritando: “ Ha, ha, vamos, vamos! Depressa, depressa!” Sendo este seu modo de atacar, não era seguro parar o trabalho um só minuto. Aparecia tal qual um ladrão à noite. Ele dava-nos a impressão de estar sempre disponível. Estava sob qualquer árvore, atrás de qualquer toco, em qualquer mato, ou durante qualquer pausa, na plantação. Algumas vezes montava em seu cavalo para ir a São Michael, a uma distância de dez

quilômetros. Meia hora depois, lá estava ele, colado à cerca, observando cada movimento dos escravos. Outras vezes, dava-nos detalhadas ordens, como se fosse se ausentar por muito tempo. Transmitia a impressão de que iria à casa para aprontar-se, entretanto, instantes após lá estava ele colado à cerca, novamente, observando o trabalho até o Sol se pôr. O forte do senhor Covey era sua capacidade de iludir. Sua vida foi toda devotada a planejar e promover grandes decepções. Tudo o que sabia, em termos de religião ou aprendizado, usou para enganar. Parecia pensar poder enganar a Deus. Ele fazia uma breve oração pela manhã e uma longa, à tarde; e, por estranho que possa parecer, poucos homens aparentavam maior devoção do que ele. As práticas religiosas de sua família se iniciavam sempre com um canto; e, como ele era um cantor medíocre, o dever de animar os hinos cabia a mim. Ele lia o hino e, após, acenava para que eu, iniciasse o canto. Algumas vezes eu obedecia; outras não. Minha recusa, geralmente, motivava grande confusão. Para demonstrar, porém, não necessitar de mim ele iniciava, vacilante, o canto, fazendo-o da forma mais dissonante. Nesse estado da mente, ele rezava da forma mais corriqueira. Pobre homem! tal era sua disposição e, mesmo, sucesso em enganar, que eu, genuinamente, acredito que ele às vezes enganava-se a si próprio, na solene crença de que era um sincero adorador do mais poderoso Deus; e isto numa época em que foi acusado de induzir sua escrava a cometer o pecado do adultério. Assim ocorreram os fatos: o senhor Covey era um homem pobre; recém se iniciava na vida. Assim, pode apenas comprar uma escrava. E, tão chocante quanto possa ser, disse havê-la comprado apenas para procriar. Ela chamava-se Caroline e fora comprada do senhor Thomas Lowe, residente uns 9 quilômetros de São Michael. Ela era uma mulher forte, corpulenta com uns vinte anos de idade. Ela já tinha um filho, o que

se constituiu em prova de que ela era capaz de fazer exatamente o que ele desejava. Após comprá-la ele empregou um homem casado, de propriedade do senhor Samuel Harrison, para coabitar com ela por um ano. Ele usava-a todas as noites para transar, disto resultando, no fim do ano, o nascimento de gêmeos. O resultado deixou o senhor Covey muito feliz, tanto com o homem quanto com a pobre mulher. Sua alegria, e da esposa, foi tamanha que qualquer durante o período de confinamento de Carolina nada de muito pesado lhe foi atribuído. As crianças foram consideradas como uma acréscimo a seu patrimônio.

Se em alguma oportunidade de minha vida fui obrigado a beber o amargo fel da escravidão, isto ocorreu durante os primeiros seis meses em que fiquei com o senhor Covey. Trabalhávamos sob qualquer intempérie. Nunca era muito quente ou muito frio; nunca era por demais intensa a chuva, o vento, o granizo ou a neve, para que continuássemos trabalhando no campo. Trabalhar, trabalhar, trabalhar era o comando que pouco mais se repetia durante o dia do que à noite. Os dias mais longos eram muito curtos para ele; e as noites mais curtas, eram muito longas para ele. Eu era, pode-se dizer, indisciplinado quando cheguei, porém, em pouco meses, essa disciplina amansou-me. O senhor Covey conseguiu dobrar-me. Curvou meu corpo, alma e espírito. Minha flexibilidade natural foi triturada, meu intelecto feneceu; a disposição para leitura sumiu; o raio de luz, esperança que tocou meus olhos desapareceu; a noite escura da escravidão caiu sobre mim, e mostrou-me um homem transformado num animal!

O domingo era o único dia de descanso. Eu desfrutava-o numa espécie de letargia de animal, movendo-me entre o sono e estar acordado, sob uma grande árvore. Às vezes desejo erguer-me — uma dose de

energia libertária passa por meu ser, acompanhada de um fraco lampejo de esperança, que flameja por instantes, para apagar-se após. Afundo novamente, lamentando minha miserável condição. Muitas vezes sinto-me capaz de matar-me e a Covey, mas sou impedido por uma combinação de medo e esperança. Meu sofrimento nessa plantação mais se parece com um sonho do que uma dura realidade.

Nossa casa ficava a pouca distância da baía de Chesapeake, que, com sua ampla e sempre branca foz, abrigava embarcações de todo o mundo habitado. Os belos navios, vestidos em puro branco, tão encantador aos olhos dos homens livres, eram para mim mortalhas de fantasmas, a atormentar-me com pensamentos sobre minha deplorável condição. Inúmeras vezes, no silêncio do sabá dominical, postei-me nas imponentes margens da baía a contar, com o coração partido e olhos marejados, o infindável desfile de navios partindo em direção ao imenso oceano. Essas imagens sempre me atingiram profundamente. Meus pensamentos queriam libertar-se; e ali, sem ninguém, apenas com Deus como ouvinte, desejava externar os lamentos de minha alma, minha vida sofrida, com uma apóstrofe:

“ Tu estás livre de tuas amarras e és livre; eu, acorrentado, sou escravo! Tu andas gracioso ante a gentil brisa; eu, tristemente, ante o açoite sanguinário! Tu és o anjo de asas rápidas da liberdade, correndo o mundo todo; Eu, confinado com algemas de ferro! Oh, seu eu fosse livre. Oh, estivesse eu num de teus majestosos convés, sob tuas asas protetoras! Meu Deus! Entre nós dois um turbilhão corre um turbilhão de águas. Adiante. Adiante. Pudesse também eu ir. Pudesse eu apenas nadar! E pudesse voar! Oh, por que nasci um ser humano, a quem transformaram num animal! O prazenteiro navio se foi, some na grande distância,

enquanto fico no escaldante inferno da escravidão sem fim. Oh Deus, salvai-me! Deus, libertai-me. Deixai-me ser livre. Existe um Deus? Por que eu sou escravo? Eu vou fugir. Não vou mais agüentar isto. Ser apanhado ou ser livre, eu vou tentar. Eu tenho apenas uma vida para perder. Posso ser morto fugindo ou morrer esperando. Pense apenas nisto: cem milhas em direção ao norte e estarei livre! Tente isto. Som! Com Deus me ajudando eu vou conseguir. Não vou passar toda a minha vida como escravo. Vou seguir o caminho das águas. Esta baía vai ser ainda a porta minha liberdade Vou cruzá-la na rota norte-leste, a dos navios para North Point. Vou fazer o mesmo. Quando chegar ao extremo da baía vou abandonar minha canoa e seguir, através de Delaware, para a Pennsylvania. Quando lá chegar não vão me pedir um passe; poderei mover-me sem ser perturbado. Deixe a primeira oportunidade surgir e vou sumir. Enquanto isto, vou suportar a opressão. Afinal, não sou o único escravo no mundo. Por que vou me lamuriar? Posso suportar tanto quanto qualquer um deles. A mais, sou apenas um menino e todos os jovens têm um destino. Assim, pode ser que meu sofrimento na escravatura servirá apenas para aumentar minha felicidade, quando eu for livre. Um dia melhor está por vir”. É como eu costumava pensar, e, desta forma, eu falava para mim mesmo, me impulsionado quase à loucura, algumas vezes, noutras, reconciliando-me com meu torpe destino.

Eu já havia me convencido de que minha condição fora muito pior, nos primeiros seis meses da estada com o senhor Covey, do que no último período também de seis meses. As circunstâncias que o levaram a mudar sua ação sobre mim formam um capítulo em minha modesta história. Você já viu como um faz dum homem um escravo. Verá, agora, como um escravo se tornou um homem. Num dos dias mais quentes de agosto de

1833, Bill Smith, William Hughes, um escravo chamado Eli e eu, trabalhávamos em arejar o trigo. Hugh removia o trigo arejado da frente da ventoinha. Eli o fazia rodar. Smith abastecia e eu carregava o trigo até a ventoinha. O trabalho era simples, exigindo mais força do que intelecto; apesar disto, para alguém não acostumado à tarefa, ela era muito penosa. Eram três horas desse dia quando eu entrei em colapso; perdi minha força, fui atacado por uma violenta dor de cabeça, acompanhada de forte tontura. Meus membros, todos, tremiam. Pressentindo o que iria ocorrer, fiquei muito nervoso, sentindo que iria parar de trabalhar. Continuei o quanto pude, cambaleante, abastecendo o depósito. Quando eu não mais pude manter-me em pé caí, e senti como se um imenso peso me houvesse derrubado. O trabalho parou. Cada um tinha sua tarefa e ninguém possuía condições de ainda executar a tarefa do outro.

O senhor Covey estava na casa, afastada cerca de cem metros do local onde trabalhávamos. Ao ouvir silenciar a ventoinha, veio correndo ver o que acontecia. Desde logo quis saber o que estava se passando. Bill respondeu-lhe que eu estava doente e que faltava gente para trazer o trigo para a ventoinha. A essa altura eu havia escapado, me arrastando, por sob a cerca que envolvia o local, tentando buscar algum alívio fora do sol. Ele perguntou por mim, tendo a resposta dada por outro dos escravos. Caminhou até alcançar-me, e, após uma olhada, indagou o que estava ocorrendo. Disse-lhe, com grande dificuldade, o que sentia. Deu-me, ato contínuo, um selvagem pontapé, e gritou para que eu me levantasse. Tentei, mas caí de novo. Chutou-me ainda outra vez e ordenou que me levantasse. Tentei novamente e consegui manter-me de pé, mas, inclinando-me para apanhar a vasilha com que alimentava a ventoinha, cambaleei e caí. Nessa situação, o senhor Covey apanhou uma ripa de

nogueira que Hughes usava para medir o trigo e com ela bateu violentamente em minha cabeça, provocando uma grande ferida, fazendo o sangue jorrar abundantemente. E mandou levantar-me de novo. Não fiz qualquer esforço para aquiescer, decidindo que fizesse ele o que achasse melhor. Pouco tempo após o ataque minha cabeça melhorou. O senhor Covey deixou-me à minha sorte. Foi então que resolvi, pela primeira vez, procurar meu proprietário, e buscar proteção. Assim, eu deveria caminhar naquela tarde cerca de nove quilômetros o que seria, face às circunstâncias, uma pesada jornada. Eu estava muito fraco, tanto pelas agressões sofridas, quanto pela indisposição que me acometera. Busquei, entretanto, minha oportunidade e, enquanto Covey olhava noutra direção iniciei minha caminhada para São Michael. Eu já havia alcançado considerável distância, em direção à mata quando Covey deu-se conta e gritou para que eu retornasse, ameaçando-me caso não o fizesse. Não me intimidei com suas ameaças e marchei, o mais depressa que meu frágil estado de saúde permitia, rumo ao bosque. Considerei que, se continuasse pela trilha seria rapidamente alcançado por ele; optei, pois, por adentrar o mato, não muito que me perdesse, nem pouco que ele pudesse me localizar. Não havia ido muito longe quando minhas forças falharam novamente. Não poderia ir mais adiante. Caí e ali permaneci por bastante tempo. O sangue escorria fracamente da ferida em minha cabeça. Por algum tempo, pensei que sangraria até a morte. Entretanto, o sangue empapou meu cabelo, fazendo cessar a sangria. Após ali ficar por uns três quartos de hora, ganhei impulso e segui meu caminho, descalço e descoberto, através de pântanos e matagais, falseando meu andar, as vezes, a cada passo, cheguei, cinco horas depois, à loja de meu proprietário. Minha aparência era bastante para afetar mesmo um coração

de ferro. Do topo de minha cabeça até o dedo do meu pé, estava coberto de sangue. Minhas pernas e pés haviam se transformado em depósito de pedaços de maricás e espinhos, emplastados de sangue. Eu imagino que minha aparência era de alguém que entrara no covil de um animal selvagem de dele escapara. Nesse estado, ante meu amo, apelei para que impusesse sua autoridade para proteger-me. Narrei-lhe os fatos da melhor forma que pude e, pareceu-me, conseguia, as vezes, sensibilizá-lo. Perguntou-me o que eu desejava viesse ele a fazer. Pedi-lhe para encontrar-me outra casa onde trabalhar, pois, assegurei, se voltasse para Covey, ele, por certo, iria matar-me. A idéia foi ridicularizada pelo senhor Thomas, que não via perigo algum de Covey vir a matar-me. Disse que Covey era um homem bom e, a mais, que havia um contrato de um ano e que se eu voltasse antes disto ele perderia toda remuneração de um ano; que eu pertencia ao senhor Covey por um ano; portanto, teria de voltar para ele; que eu parrasse de incomodá-lo com tais histórias ou ele mesmo iria livrar-se de mim. Após a ameaça deu-me uma grande quantidade de sal, informando que eu deveria permanecer aquela noite em São Michael (já era bastante tarde), mas que deveria retornar para o senhor Covey cedo, pela manhã. E mais, que se eu não voltasse ele iria livrar-se de mim, o que significava, que iria açoitar-me. Fiquei aquela noite e, cedo pela manhã (era sábado), seguindo suas ordens, iniciei, com o corpo lacerado e o espírito partido, a volta para o senhor Covey. Não jantei na noite anterior, nem tive o desjejum. Cheguei a casa de Covey cerca de 9 horas da manhã; e mal ultrapassava a cerca que separava o campo do senhor Kemp do nosso, apareceu Covey brandindo seu relho, para dar-me outra surra. Antes de ele alcançar-me fugi e consegui chegar ao milharal, e como o milho estava bastante alto permitiu que me escondesse. Ele estava muito zangado e

procurou-me por um tempão. Meu comportamento era inexplicável. Ele, finalmente, desistiu de procurar-me, por certo esperando que eu aparecesse em busca de comida. Fiquei praticamente todo o dia escondido na mata, tendo como alternativas, ir para casa e ser açoitado até a morte ou ficar ali e morrer de fome. À noite eu encontrei Sandy Jenkins, um escravo com quem fizera amizade. Sandy tinha uma esposa livre, que vivia a seis quilômetros da casa de Covey e, sendo sábado, ele ia encontrar-se com ela. Narrei-lhe meu drama e ele, gentilmente, convidou-me a acompanhá-lo. Cheguei a sua casa onde narrei todo meu infortúnio e recebi seu conselho de que deveria procurar o que seria melhor para mim. Sandy mostrou-se um velho conselheiro. Disse-me, com toda a solenidade, que eu teria de retornar para Covey, mas que, antes, eu deveria ir com ele num certo local da mata onde se encontrava certa raiz, que, se a conduzisse sempre, e do lado direito, iria prevenir-me de ser açoitado por Covey ou qualquer outro branco. Disse que carregava um há anos e que, desde então, nunca mais havia sido açoitado. Em princípio, rejeitei a idéia de que uma simples raiz em meu bolso iria proteger-me como dissera Sandy. Porém, ele foi muito persuasivo, alertando-me, a mais, que a iniciativa se não fizesse algum bem, não traria qualquer prejuízo. Aceitei a raiz e coloquei-a, como determinou, em meu lado direito. Era domingo de manhã. Iniciei meu caminho de volta. Ao ultrapassar o portão de entrada, apareceu Covey para receber-me. Falou-me de forma gentil ordenando-me a tarefa de recolher os porcos. Essa iniciativa singular do senhor Covey fez-me pensar que realmente havia algo na *raiz* que Sandy me havia dado e não fosse aquele o dia de domingo, eu iria atribuir certamente a conduta de Covey à influência da raiz. Tudo marchou bem até a manhã de segunda feira, quando a virtude da raiz foi finalmente testada. Muito antes do dia

nascer fui chamado a esfregar, escovar e alimentar os cavalos. Eu obedeci e fiquei satisfeito por fazê-lo. Mas, enquanto realizava as tarefas, o senhor Covey ingressou no estábulo com uma longa corda e, enquanto eu estava afastado do sótão, ele apanhou minhas pernas e preparava-se para amarrá-las. Assim que entendi o que estava ocorrendo dei um pulo, mas ele colou-se às minhas pernas, fazendo estatelar-me no chão do estábulo. O senhor Covey pensava que agora me possuía e que poderia fazer tudo o que desejasse.; mas, nesse momento — de onde veio tal força eu não sei — resolvi lutar e, juntando a decisão à ação, agarrei fortemente Covey pela garganta e, enquanto fazia isto, ergui-me. Um segurava-se ao outro. Minha resistência era inteiramente inesperada, dando a impressão de que Covey foi colhido de surpresa. Ele tremia como uma folha. Isto aumentou minha auto-confiança e apertei-o ainda mais, de tal forma que fiz sangrar as partes que tocava com a ponta de meus dedos. Em seguida, Covey gritou por Hughes para socorrê-lo. Este veio e, enquanto Covey tentava segurar-me, Huges lutava por imobilizar minha mão direita, para amarrar-me. Enquanto ele tentava, medi minhas chances e desferi-lhe um chute nas costelas. O chute feriu Hughes e ele deixou-me nas mãos de Covey. O pontapé teve o efeito de não apenas amansar Hughes, como também Covey. Quando ele viu Hughes curvado em dor, sua coragem desapareceu. Ele perguntou-me se eu iria continuar resistindo. Eu disse que sim, ocorresse o que ocorresse; que ele me havia usado por seis meses como um animal e que eu estava determinado a não mais ser assim tratado. Tentou, então, apanhar um sarrafo caído ali adiante. Desejava usá-lo para bater-me. Mas, assim que se curvou para apanhá-lo agarrei-o com ambas as mãos em seu pescoço e o derrubei no chão. Apareceu, então, Bill. Covey apelou pelo auxílio desse. Bill quis saber o que poderia fazer. Covey

gritou: "Agarre-o, agarre-o!" Bill disse então a seu senhor que ele fora locado para trabalhar, não para auxiliá-lo no açoitamento e assim deixou Covey e eu lutarmos nossa batalha particular. Já estávamos nisto por cerca de duas horas. Covey deixou-me ir, bufando intensamente e dizendo que se eu não houvesse resistido não me teria açoitado tanto. A verdade é que ele não me havia açoitado. Eu achei que ele havia levado a pior parte naquela história, posto que não me havia feito sangrar, mas eu o havia ferido. Nos seis meses seguintes que passei com o senhor Covey ele jamais ousou pôr sequer um dedo em mim. Ele ocasionalmente disse que não desejava possuir-me novamente. "Não", pois eu poderia mostrar-me pior do que fora antes.

A batalha com o senhor Covey foi o momento decisivo em minha vida como escravo. Fez reviver a chama da liberdade e de um sentido de humanidade. Trouxe-me de volta o perdido sentido de auto-confiança e insuflou-me outra vez a determinação de ser livre. A gratificação alcançada pelo triunfo era a mais completa compensação seja lá pelo que viesse acontecer, até mesmo a morte. Somente poderia entender a profunda satisfação que senti, alguém que houvesse sido apartado pelo braço sangrento da escravidão. Senti o que nunca havia antes experimentado. Havia sido uma ressurreição gloriosa, do túmulo da escravidão à liberdade do céu. Meu espírito, de há muito esmagado, renasceu; a covardia sumiu; o desafio corajoso se estabeleceu. Estou decidido que, não importa ainda quanto tempo permaneça, na forma, como escravo, passaram-se para sempre os dias em que eu era, realmente, um escravo. Assim, não êxito em externar meu sentimento de que, o branco para conseguir açoitá-lo, terá também de lograr matá-lo.

A partir daí não fui sequer brandamente açoitado. Permaneci escravo por ainda quatro anos. Tive algumas escaramuças, mas nunca mais fui açoitado.

Por muito tempo não entendia por que o senhor Covey não me denunciou imediatamente ao posto de açoitamento, e lá ser regularmente açoitado pelo crime de haver levantado a mão contra um branco, em minha defesa. E, a única explicação que encontro não me satisfaz plenamente, mas, apesar disto, vou contar. O senhor Covey desfrutava a fama de ser um grande feitor e um amansador de negros. E isto era algo que ele reputava de grande importância. Sua reputação, assim, estaria em risco se ele enviasse para o posto de açoitamento um menino de apenas dezesseis anos. Preferiu manter-me impune a ver sua fama abalada.

O período de meus serviços para o senhor Edward Covey findou no Natal de 1833. Os dias entre o Natal e o Ano Novo são considerados como feriados, assim sendo, não trabalhávamos, senão para alimentar os animais. Ficávamos por nossa conta, nesse período, pela graça de nossos senhores. Os dentre nós com famílias distantes, tinham permissão para usar os seis dias para visitá-las. Os sérios, sóbrios, pensadores e industriais iriam se ocupar em fazer vassouras de milho, tapetes, colares para cavalos e cestos; outros dentre nós iriam usar seu tempo caçando gambás, lebres e preás. Mas, de longe, a maioria dentre nós estará envolvida com esportes e divertimentos, como jogos com bola, lutas, corridas a pé, tocar música, dançar e beber uísque, sendo que este último meio de diversão era o que mais agradava aos nossos amos. O escravo que continuasse trabalhando durante os feriados não merecia especial favor do amo, pelo contrário, era considerado como alguém incapaz de receber a dádiva ofertada. Não embriagar-se durante as festas era algo

muito sério; uma prova de incapacidade para amealhar recursos durante o ano, para gastá-los na compra de uísque para a bebedeira natalina.

Eu tenho a impressão de que o efeito dos feriados sobre os escravos constituía-se num meio efetivo do escravista de manter baixo o espírito de insurreição. Conseguissem os escravos livrar-se desse hábito, não tenho dúvidas de que rebeliões iriam ocorrer. Os feriados servem de condutores, ou válvulas de segurança, para escoar o natural espírito de rebeldia. Mas, para isto reverter, o escravo terá de ser empurrado até a mais bárbara desesperança, o que fará arrependê-lo o escravagista, no dia em que eliminar esses condutores! Eu alerto que, em tal caso, uma força surgirá, fazendo com que haja muito mais a ser drenado do que o mais pavoroso terremoto.

Os feriados são causa e efeito da grande fraude, incorreta e inumana, da escravidão. São assumidamente uma prática estabelecida pelos escravistas e eu acrescento que é a resultante do egoísmo e uma das mais pesadas fraudes contra o oprimido escravo. Ao escravo não é concedido este descanso porque não desejem que ele trabalhe nos feriados, senão que sabem, seria perigoso mantê-los trabalhando. Parece que o escravista deseja que seus homens terminem o feriado com o mesmo espírito com que o viram se iniciar. Seu objetivo parece ser o de tornar a liberdade algo desagradável, por colocá-los no mais baixo nível de desregramento. Por exemplo, ao escravagista não apenas agrada ver o escravo bebendo com seu consentimento, mas também assistir quem pode beber mais sem ficar bêbado, fazendo com que o consumo seja altíssimo. Assim, quando o escravo pede a verdadeira liberdade, o esperto escravista, sabedor de sua ignorância, engana-o com uma dose de enganosa libertinagem, que, artificialmente, chama de liberdade. Muitos de nós

éramos conduzidos a beber desde cedo, assim o resultado era o que se pode supor: éramos induzidos a pensar que pouca diferença existia entre liberdade e escravidão. Sentimos, e com propriedade, que temos sido escravos, tanto do homem quanto da bebida. Assim, quando terminam os feriados, cambaleamos pela imundície em que chafurdamos, respiramos fundo num longo suspiro, e caminhamos para o campo — sentindo, sobretudo, felizes em voltar para aquilo que o nosso amo nos fez crer seja a liberdade, ou seja, os braços da escravidão.

Tenho insistido que este modo de tratamento é parte de todo um sistema de fraude e desumanidade da escravidão. E é. O método adotado de indispor-lo com a liberdade, por permitir-lhe ver, apenas, o que contém de abuso, é usado em outras coisas. Por exemplo, o escravo gosta de melaço; ele furta um pouco. O amo descobre e impõe-lhe uma saturação de melaço, obrigando-o, chibata na mão, a ingerir muito mais do que é capaz, até fazer com que ficando doente nunca mais queira sentir o cheiro de melaço. O mesmo ocorre com o escravo que reclama, dizendo ter pouca comida. Obrigam-no a comer muito mais do que sua capacidade. Se diz que não vai poder comer tudo o que está na mesa, então o amo chicoteia-o, por ser alguém que não se pode satisfazer. Tenho uma série de relatos desse tipo, recolhidos de minha observação, mas creio que esses dois casos são suficientes.

Em 1º de janeiro de 1834, deixei o senhor Covey e fui viver com o senhor William Freeland, que morava cerca de cinco quilômetros de São Michael. Constatei, desde logo, ser o senhor Freeland muito diferente do senhor Covey. Embora não fosse rico, podia ser considerado como um educado cavalheiro sulista. O senhor Covey, como descrevi, era um bem treinado feitor amansador de negros. O primeiro (embora senhor de

escravos) parecia possuir uma reserva de honra, uma reverência à justiça e respeito pela humanidade. Este parecia completamente insensível a qualquer sentimento. O senhor Freeland tinha muitos dos pecados inerentes ao escravista, como ser muito arrebatado e contestador; mas, sou forçado a admitir, era livre dos vícios degradantes do senhor Covey. Aquele era franco e sempre se sabia onde encontrá-lo, o outro era um astuto mentiroso e só podia ser compreendido por quem fosse esperto o bastante para detectar suas artimanhas. Meu novo amo não tinha pretensões religiosas, nem professava qualquer religião, o que representou grande vantagem para mim; em verdade, uma grande vantagem. Eu afirmo, sem qualquer hesitação, que a religião no Sul se constitui, apenas, em cobertura para os mais horrendo crimes — uma desculpa para as mais aterrorizantes barbaridades — um santuário das mais odiosas fraudes, um abrigo escuro sob o qual encontraram forte proteção às mais imundas, grosseiras e as mais infernais ações dos escravistas encontravam amparo consistente. Seria uma das piores coisas que me poderia acontecer, ser reduzido novamente à condição de acorrentado, tornar-me escravo de um religioso. Entre todos os senhores de escravos que encontrei, os religiosos eram os piores. Sempre vi neles os mais vis e indecentes, os mais cruéis e covardes dentre todos os demais. Foi não apenas meu infausto destino haver sido propriedade de um senhor de escravos religioso, mas viver numa comunidade desse tipo de religiosos. Nas proximidades do senhor Freeland vivia o reverendo Daniel Weeden e na mesma vizinhança residia o reverendo Rigby Hopkins. Eram ambos ministros da Igreja Metodista Reformada. O senhor Weeden possuía, dentre outros, uma escrava cujo nome esqueci. As costas dessa mulher, por semanas, ficou em carne viva, pela ação do chicote de seu cruel, *miserável* religioso. Ele contratava

escravos. Sua máxima era, agindo bem ou mal é dever de um senhor de escravos ocasionalmente chicotear o escravo, para lembrá-lo da autoridade do amo. Essa a sua teoria, essa a sua prática.

O senhor Hopkins era ainda pior do que o senhor Welden. Gabava-se de saber amansar escravos. A linha mestra de seu agir era chibatear antes que o escravo viesse a merecer. Ele conduzia as coisas de forma que, todas as manhãs de segundas feiras, um escravo fosse punido, e assim agia para incutir terror entre os que haviam escapado do castigo. Dizia que punia as faltas menores, como forma de prevenir a ocorrência das mais graves. O senhor Hopkins sempre encontrava uma forma de chicotear um escravo. Pessoa não acostumada com a escravatura ficaria perplexa ao constatar a facilidade com que um senhor de escravos encontra motivos para punir. Um simples olhar, uma palavra, um gesto, um engano, um acidente ou um desejo, representam motivos para que os escravos sejam açoitados a qualquer instante. Um olhar de insatisfação? Dizem logo que está possuído do demônio, e que este deve ser expulso com chibatadas. Levanta a voz, quando responde ao amo? Está, então, ficando soberbo, e, como tal, deve ser empurrado ao nível mais baixo. Esquece de tirar o chapéu ao aproximar-se de um branco? Não tem respeito, por isto deve ser punido. Não se justifica, quando instado? Então é culpado de impudência, um dos pecados mais graves imputáveis a um escravo. Tem por hábito sugerir a prática de ações diferentes daquelas que o patrão determinou? É, sem dúvidas, presunçoso e se considera superior, fazendo jus, por isto, a nada menos do que o açoitamento. Quebrou um arado enquanto trabalhava, ou partiu a enxada enquanto trabalhava? É um descuidado e por isto deve ser açoitado. O senhor Hopkins podia sempre encontrar qualquer dessas desculpas para justificar o uso do relho, e

poucas vezes perdeu a oportunidade de assim agir. Não havia, em todo o condado, escravo que quisesse viver com o reverendo Hopkins. E, também, não havia, à volta, alguém que fizesse profissão religiosa, ou que fosse mais carola, festeiro, sermonário, e o mais devoto em sua família, a rezar mais cedo, mais tarde, mais alto e por mais tempo, do que esse mesmo reverendo, o feitor Rigby Hopkins.

Mas, retorno ao senhor Freeland e minha experiência em seu emprego. Ele, como o senhor Covey, dava-nos comida o bastante, mas, diferentemente desse, assegurava-nos tempo suficiente para as refeições. Trabalhávamos duro, mas apenas entre o nascente e o poente. Exigia que produzíssemos muito, mas para tanto punha à nossa disposição boas ferramentas. Sua fazenda era grande, porém, empregava mão de obra à altura, o que o diferenciava da maioria de seus vizinhos. O tratamento que recebi, enquanto ali trabalhando, foi celestial comparado com o que mereci nas mãos do senhor Edward Covey.

O senhor Freeland era proprietário de apenas dois escravos. Seus nomes eram Henry Harris e John Harris. O restante de sua força de trabalho era composta de escravos arrendados, como eu, Sandy Jenkins⁴ e Handy Caldwell. Henry e John eram bastante inteligentes e, pouco após eu haver lá chegado, incuti-lhes o desejo de aprender a ler. Esse anseio espalhou-se dentre os outros. Em seguida eles conseguiram alguns livros e pediram-me para criar uma escola sabatina. Concordei e passei a devotar meus domingos à alfabetização dos companheiros. Alguns escravos da vizinhança souberam da novidade e apareceram para desfrutar da pequena

⁴ Trata-se do mesmo homem que me deu a raiz, para defender-me de chibatadas do senhor Covey. Era uma "alma esperta". Costumávamos, com freqüência, falar da luta que mantive com o senhor Covey; e, tantas vezes quantas falamos, ele sempre creditou meu sucesso como decorrente do efeito da raiz. Essas superstições são muito comuns entre os escravos mais ignorantes. Um escravo raramente morre sem que sua morte seja atribuída a feitiçaria. (Nota do Autor)

oportunidade que se abria. Insistia, entre os que apareciam, para que fossem discretos. Tínhamos de conservar nossos religiosos amos em São Michael, pensando que usávamos o sabá em brigas, boxe, beberagens, enquanto em verdade, tentávamos aprender como ler a vontade de Deus, posto que eles fizessem mais gosto em ver-nos envolvidos com esportes degradantes, do que como pessoas intelectual e moralmente responsáveis. Meu sangue chega a ferver quando me recordo da forma como os senhores Wright Fairbanks e Garrison West, ambos líderes de classe, com o apoio de outros tantos, marcharam, com paus e pedras, e arrasaram nossa pequena escola sabatina, em São Michael — todos cognominando-se cristãos! Humildes seguidores do Senhor Jesus Cristo! Mas eu estou novamente divagando!

Mantive minha escola sabatina na casa de um homem de cor livre, cujo nome julgo imprudente mencionar, posto que se for tornado público poderá prejudicá-lo, mesmo que o crime de manter a escola tenha ocorrido faz agora dez anos. .Cheguei a ter certa feita quarenta alunos, todos verdadeiramente desejosos de aprender. Eram de todas as idades, mas, na maioria, homens e mulheres. Volto-me para aqueles domingos com um prazer difícil de expressar. Foram grandes dias para minha alma. A tarefa de educar meus queridos irmãos escravos foi a mais doce das que abracei, e da qual sempre fui abençoado. Ficávamos afeiçoados uns com os outros, assim que o encerramento do sabá era sempre doloroso. Quando eu penso que essas preciosas almas estão ainda hoje no cárcere da escravidão, invade-me o sentimento que me leva a indagar, “Um Deus justo governa o universo? E por que ele segura os trovões em sua mão direita, se não para golpear o opressor com a outra mão livre?” Essas queridas almas não compareciam às classes sabatinas porque era honroso freqüentá-las. Cada

instante que ali estiveram tornavam-se passíveis, se descobertos, de receber trinta e nove chibatadas. Eles compareciam porque desejavam aprender. Seus cruéis amos haviam secado seus espíritos e mantido-os em trevas mentais. Eu os ensinava porque gratificava minha alma estar fazendo algo que me parecia estar melhorando as condições de minha raça. Eu mantive minha escola praticamente durante todo o ano em que vivi com o senhor Freeland; e, além de minha escola sabatina, devotei três noites por semana, no inverno, para ensinar escravos em casa. Tive a felicidade de saber que muitos daqueles que vinha para a escola do sabá aprenderam a ler, e que um, pelo menos, é hoje livre por minha ação.

O ano passou sem sobressaltos. Pareceu ser apenas a metade do ano anterior. Passou sem que eu recebesse sequer uma chibatada. Vou dar ao senhor Freeland o crédito de haver sido o melhor amo que tive, *até me transformar em meu próprio senhor*. A forma fácil com que passei o ano deveu-se a meus companheiros escravos. Eram almas nobres; tinham não somente grandes, mas heróicos corações. Estávamos interligados uns com os outros. Devotava-lhes a afeição mais forte que havia experimentado. Dizem, por vezes, que nós escravos não amamos e confiamos uns nos outros. Em resposta, posso dizer que nunca prezei ou confiei em alguém mais do que meus companheiros escravos, especialmente aqueles com quem vivi na fazenda do senhor Freeland. Creio que teríamos, mesmo, morrido uns pelos outros. Não tomamos qualquer iniciativa, de alguma importância, sem que houvesse consulta mútua. Nunca agimos isoladamente. Éramos como um mais por nosso temperamento e disposição, do que pela miséria a que nos submetiam, pela condição de escravos.

Ao findar o ano de 1834, o senhor Freeland arrendou-me outra vez a meu proprietário, para o ano de 1835. Mas, por essa época, eu começava a desejar viver sobre uma *terra livre*⁵, como Freeland; e, assim, não estava mais interessado em viver com ele ou com qualquer outro senhor de escravos. Comecei, com o nascer do novo ano, os preparativos para a batalha final que poderia decidir meu destino. Eu estava num crescendo. Rapidamente me tornava adulto; passavam-se os anos e eu continuava um escravo. Esses pensamentos me excitavam — eu preciso fazer algo. Decidi, então, que 1835 não poderia passar sem testemunhar uma tentativa, de minha parte, de buscar a liberdade. Mas eu não acalentava tal propósito apenas para mim. Meus companheiros escravos me eram muito caros. Assim, com muita cautela, comecei a indagar seus pontos de vista, seus sentimentos com relação à sua condição, e permear suas mentes para a idéia de liberdade. Passei a vislumbrar meios e formas de fugir, e, enquanto isto, me esforçava, em todas as ocasiões, para alertá-los sobre a grande e inumana fraude que é a escravidão. Falei primeiro com Henry, depois com John, então com os demais. Eram todos dotados de bons corações e espíritos nobres. Estariam prontos para ouvir e agir quando um plano viável viesse a ser proposto. Isto era o que eu desejava. Falei-lhes que seria falta de determinação admitirmos nossa condição de escravos sem o menor empenho em lutar pela liberdade. Com freqüência nos encontrávamos e debatíamos, amiúde, a respeito de nossas esperanças e medos, repassávamos as dificuldades, reais e imaginárias, que poderíamos ter de enfrentar. Muitas vezes ficávamos a ponto de desistir de tudo e nos resignarmos com o nosso miserável destino; noutras, mantínhamos uma

⁵ Em inglês *Freeland*, o nome de seu proprietário. (N.doT.)

firme e inabalável determinação de prosseguir. Sempre que desenvolvíamos um plano surgia a apreensão — as perspectivas eram aterradoras. Nossa caminhada esbarraria em grandes obstáculos; e se conseguíssemos chegar a seu fim, nosso direito à liberdade, mesmo assim, seria questionável — poderíamos ser escravizados novamente. Não conseguíamos ver qualquer local, deste lado do oceano, onde pudéssemos ser livres. Nada sabíamos sobre o Canadá. Nosso conhecimento do Norte não ia além de Nova York; e ir lá e ficarmos sempre com a iminente possibilidade de sermos devolvidos à escravidão — certos de que iríamos ser muito mais maltratados do que antes —, era um pensamento que nos atormentava e que não era fácil de superá-lo. Nossa operação as vezes ficava assim: Em cada portão que deveríamos transpor havia um porteiro; em cada barco, um guarda; em cada ponte, uma sentinela e, em cada árvore, um patrulheiro. Estávamos cercados por todos os lados. Aqui estavam as dificuldades, reais ou imaginárias: o bem, um objetivo a alcançar; o mal, algo a evitar. De outra parte, ali esta a escravidão, uma dura realidade, pairando aterradora sobre nossas cabeças, com seu manto tingido de vermelho com o sangue de milhões e, mesmo agora, ávida por consumir nossa carne. Em contrapartida, lá atrás, bem distante, sob a trêmula luz da Estrela do Norte, atrás de alguma íngreme colina, ou duma montanha nevada, jazia uma duvidosa liberdade — meio congelada — convidando-nos a vir a compartilhar de sua hospitalidade. Isto, algumas vezes, bastava para que hesitássemos; mas, quando nos permitíamos examinar o caminho, ficávamos comumente desanimados. De ambos os lados víamos a morte sinistra, assumindo as formas mais horríveis. Agora era a fome, levando-nos a comer nossa própria carne; ora lutávamos contra as ondas, e nos afogávamos; ora éramos capturados, e feitos em pedaços

pelos dentes pontudos de terríveis cães de caça. Aguilhoados por escorpiões, perseguidos por bestas selvagens, picados por cobras, e ao fim, quase chegado a ponto vislumbrado, após cruzar rios, enfrentar bestas selvagens, dormir nas matas, sofrer fome e frio, éramos capturados por nossos perseguidores, e, em nossa resistência, éramos sumariamente assassinados! Eu digo, essa imagem às vezes nos aplastrava, e fazia-nos “melhor escalar nossa própria montanha do que migrar para outras que desconhecíamos”.

Chegando à determinação de fugir, fizemos mais do que Patrick Henry⁶, quando decidiu-se pela liberdade ou a morte. Para nós, no máximo, uma duvidosa liberdade, porém morte certa se falhássemos. Quanto a mim, preferiria a morte a uma escravatura sem esperanças.

Sandy, um dos nossos, desistiu, mas, não obstante, nos encorajava a fazê-lo. Nosso grupo era formado, agora, de Henry Harris, John Harris, Henry Bailey, Charles Roberts e eu. Henry Bailey era meu tio e pertencia a meu amo. Charles casara com minha tia — ele pertencia ao sogro de meu amo, senhor William Hamilton.

O plano final consistia em conseguir uma grande canoa, pertencente ao senhor Hamilton, e, na noite do sábado anterior aos feriados de Páscoa, remar rumo à baía de Chesapeake. Na chegada à foz, numa distância de pouco mais de dez quilômetros de onde vivíamos, abandonaríamos a canoa e seguiríamos, olhando a Estrela do Norte, até ultrapassar as fronteiras de Maryland. A razão que nos levara a escolher as águas era a de tornarmos menos vulneráveis à suspeita de fugitivos. Poderíamos ser

⁶ Não sei que direção os outros seguirão; mas, para mim, dai-me a liberdade ou dai-me a morte. - Patrick Henry (1736_99) político e estadista. Discurso, na Assembléia Legislativa da Virgínia, em Richmond, 23 de março de 1775 (N. do T.).

tomados como pescadores, a mais, se seguíssemos por terra estaríamos sujeitos a interrupções a todo o instante. Qualquer branco, se desejasse, poderia deter-nos e sujeitar-nos a revista.

A semana que antecedeu aquela de nossa planejada partida, escrevi diversas proteções, uma para cada um de nós. Tanto quanto posso me lembrar, estavam assim redigidas:

“Este documento certifica que eu, abaixo assinado, dei ao portador, meu serviçal, plena liberdade para ir a Baltimore e gozar os feriados de Páscoa. Escrito de próprio punho, etc., 1835.

William Hamilton,

“Próximo a São Michael, no condado de Talbot, Maryland”.

Não iríamos para Baltimore, porém, subindo pela baía, passaríamos por Baltimore, e essas proteções eram para dar-nos cobertura enquanto nas águas.

À medida que nos aproximávamos da partida, nossa ansiedade tornou-se mais intensa. Era questão de vida e morte para nós. A força de nossa determinação estava sendo completamente testada. Nessa fase, eu era muito ativo em explicar qualquer das dificuldades, afastar dúvidas, remover temores e inspirar, com toda a firmeza necessária, o sucesso de nosso empreendimento, garantindo-lhes que a metade já havia sido conquistada no momento em que decidimos; havíamos discutido o bastante, estávamos agora prontos para seguir; se não fosse agora, jamais o faríamos; e se não o fizermos agora, teremos de cruzar os braços, sentar, e aceitar que somos capazes de apenas ser escravos. Isto nenhum de nós estava preparado para aceitar. Todos permaneceram firmes e, em nosso derradeiro encontro, uma vez mais garantimos que iríamos, por certo,

perseguir a liberdade. Isto foi no meio da semana, ao fim da qual deveríamos partir. Continuamos desempenhando nossas tarefas, mas com a alma agitada por pensamentos de nossa perigosa empreitada. Fizemos muito por ocultar nossos sentimentos; e eu acho que o fizemos muito bem.

Após uma sofrida espera, a manhã de sábado, cuja noite testemunharia nossa partida, despontou. Saudei-a com alegria, não importa o que trouxesse de tristeza. Na noite de sábado não consegui conciliar o sono. Provavelmente, eu estava mais ansioso do que os demais, posto que, por consenso, era o líder da aventura. A responsabilidade pelo sucesso ou fracasso recairia sobre mim. A glória ou a confusão eram a mesma coisa para mim. As duas primeiras horas daquela manhã apresentaram-se como algo que não havia experimentado antes. Cedinho, como sempre, fomos para a lavoura. Espalhávamos esterco; de repente, senti-me assaltado por um sentimento indescritível; voltei-me para Sandy e disse: “Vamos ser traídos!” “Bem,” ele disse, “o mesmo sentimento tive esta manhã”. Nada mais dissemos. Não tinha mais certeza de nada.

A corneta tocou, como sempre, e nos deslocamos da plantação à casa, para o desjejum. Fui mais pelo hábito, pois não tinha vontade de comer naquela manhã. Assim que entrei na casa, olhando na direção da porta, vi quatro brancos, acompanhados de dois de cor. Os brancos, montados, eram seguidos pelos de cor, como se estivessem amarrados. Eles então desceram dos cavalos e amarraram os homens ao portão. Eu não havia compreendido, ainda, o que ocorria. Em seguida apareceu o senhor Hamilton aparentando grande excitação. Indagou pelo senhor William. Disseram que ele estava no celeiro. O senhor Hamilton, sem desmontar, cavalgou para o celeiro a grande velocidade. Em instantes, ele e o senhor Freeland voltaram à casa. Então os três auxiliares de xerife o

seguiram, desmontaram com pressa, e foram encontrar-se com o amo William e o senhor Hamilton, que voltava do celeiro; após um instante, todos dirigiram-se para a porta da cozinha. Não havia ninguém naquele local, senão eu e John. Henry e Sandy estavam no celeiro. O senhor Freeland colocou a cabeça para dentro e chamou meu nome, dizendo que havia uns senhores na porta que desejavam falar comigo. Caminhei para a porta e perguntei o que desejavam. Sem dar qualquer explicação, prenderam-me e amarraram-me, atando minhas mãos fortemente. Insisti para que explicassem do que se tratava. Disseram então ter tomado conhecimento de que eu estivera metido num *aperto* e que eu deveria ser examinado na frente de meu amo; se as informações fossem falsas, eu não seria molestado. Em poucos instantes eles conseguiram amarrar John. Voltaram-se para Henry, que havia retornando do celeiro e ordenaram que cruzasse as mãos. “Eu não!”, disse Henry, num tom firme que indicava sua decisão de enfrentar o que ocorresse. “Não queres?” indagou o auxiliar de xerife. “Não!” reafirmou Henry, ainda mais bravamente. Com isto, os xerifes sacaram de suas reluzentes armas e juraram a seu Criador que, se ele não cruzasse as mãos, seria morto ali mesmo. Com suas pistolas apontadas e seus dedos nos gatilhos, marcharam em direção a Henry dizendo, ao mesmo tempo que, se não cruzasse as mãos, iriam explodir seu coração. “Airem! Atirem!”, disse Henry; “você só pode me matar uma vez. Atire, atire — e dane-se! *Não vou ser amarrado.*” Isto foi dito alto em tom de desafio; e, ao mesmo tempo, rápido como um raio, com um simples golpe, retirou as pistolas das mãos dos dois xerifes. Após isto, todos caíram sobre ele e, após espancaram-no por algum tempo, finalmente o dominaram e o amarraram.

Durante o entrevero eu consegui, não sei bem como, livrar-me do passe que havia forjado, lançando-o no fogo. Estávamos, todos, amarrados e, quando iniciavam a levar-nos para o presídio de Easton, Betsy Freeland, mãe de William Freeland, apareceu à porta, as mãos cheias de biscoitos, e dividiu-os entre Henry e John. A seguir ela fez um discurso, dizendo, dirigindo-se a mim: “ Você, diabo! Diabo amarelo! foi você quem pôs na cabeça de Henry e John idéia de fugir. Não fosse por você, diabólico mulato pernalta, nem Henry, nem John jamais teriam pensado em tal coisa.” Fiquei quieto e fui empurrado para fora, em direção a São Michael. Um pouco antes do entrevero com Henry, o senhor Hamilton sugeriu que fosse feita uma busca nos passes que, ele soubera, Frederick havia escrito para si e os demais. No momento em que ele iria executar essa ordem, seu auxílio se fez necessário para controlar Henry. Assim que na agitação toda, esqueceu ou achou melhor esquecer. Assim, não havia ainda prova de nossa intenção de fugir.

Em meio ao caminho para São Michael, enquanto os auxiliares de xerife estavam distraídos, Henry perguntou-me o que deveria fazer com seu passe. Disse-lhe para comê-lo, junto com os biscoitos que recebera, nada portando. *Não tenho nada!* Este o comando que passou de um para o outro. Nossa confiança mútua era inabalável. Estávamos decididos a obter o sucesso ou falhar, mas juntos, após a calamidade que ocorrera antes do previsto. Estávamos agora preparados para qualquer coisa. Estávamos sendo arrastados, atrás de cavalos, por dezessete quilômetros até que nos depositassem na cadeia de Easton. Quando chegamos a São Michael passamos por uma espécie de exame. Negamos, todos, que estivéssemos pensando em fugir. Dissemos isto mais para afastar a evidência que recaia

sobre nós, do que com a esperança de evitarmos virmos a ser vendidos. O que nos preocupava, em verdade, era sermos separados uns dos outros. Soubemos que a evidência contra nós era o testemunho de uma pessoa. Nosso amo não disse quem era, mas, por unanimidade, concluímos que fora. Fomos enviados para a prisão em Easton e entregues ao xerife, senhor Joseph Graham e por ele postos na cela. Henry, John e eu ficamos na mesma cela; Charles e Henry Bailey, noutra. O objetivo de separar-nos tornava-se realidade. Estávamos na cela por uns poucos vinte minutos quando um bando de traficantes de escravos e agentes de traficantes apareceu, ávidos de olhar-nos e saber se estávamos à venda. Eram personagens que nunca antes havia visto. Senti-me envolvido por muitos demônios da perdição. Um bando de piratas, nunca pareceram mais semelhantes a seu pai, o diabo. Eles sorriam e gargalhavam ante nós, dizendo: “Ah, rapazes, pegamos vocês, não?” Depois de escarnecer-nos de vários modos, cada um deles se aproximou de para examinar-nos e determinar seu interesse e nosso preço. Perguntaram, despudoradamente, se não os desejávamos como seus senhores. Não respondemos, deixando que fizessem o que julgassem melhor. Praguejaram e juraram que poderiam, mesmo, exorcismar o diabo de nós em pouco tempo, se caíssemos em suas mãos.

Durante a detenção, sentimo-nos melhor do que esperávamos. Não tínhamos muito o que comer, nem este pouco era bom; mas tínhamos uma cela limpa e com uma vista, pela janela, do que ocorria na rua, lá fora. Assim, no que concerne à prisão e ao carcereiro, não tínhamos do que reclamar. Adiante, o senhor Freeland apareceu e libertou os dois, Henry e John, deixando-me sozinho. Entendi a separação como a derradeira. Considerei que haviam decidido por não punir ninguém além de eu, posto

que era o único responsável. E, deixando-me preso, serviria de exemplo para os demais. Por uma questão de justiça, deve ser dito que Henry mostrou-se tão relutante para deixar a prisão, quanto havia lutado ao levarem-nos para a prisão. Mas ele sabia que, de qualquer modo, seríamos vendidos e apartados, portanto, o que lhe cabia fazer era ir pacificamente para casa.

Eu estava à mercê de meu destino. Sozinho, confinado às paredes de pedra de minha prisão. Todavia, poucos dias antes eu era todo esperança. Esperava estar a salvo, na terra da esperança; mas, agora, era todo melancolia, mergulhado na total desesperança. Considerava que a chance de liberdade havia desaparecido. Fiquei assim por toda uma semana, até que, para minha surpresa, o capitão Auld, meu amo, apareceu e libertou-me, com o objetivo de enviar-me, com um cavalheiro seu amigo, para o Alabama. Mas, por alguma razão, não despachou-me para o Alabama, e sim para Baltimore, para viver com seu irmão Hugh e aprender comércio.

Assim, após uma ausência de três anos e um mês, foi-me permitido, outra vez, voltar à minha velha Baltimore. Meu amo mandou-me embora posto que havia, em meio a comunidade, um grande preconceito e ele temia que eu pudesse vir a ser morto.

Poucas semanas após eu chegar a Baltimore, o senhor Hugh arrendou-me para o senhor William Gardner, um grande construtor naval, em Fell's Point. Puseram-me a aprender como betumar as madeiras. Porém, ficou provado ser ali o local pouco indicado para atingir tal objetivo. O senhor Gardner estava empenhado, naquela primavera, em concluir dois grandes navios de guerra para o governo mexicano. Os barcos deveriam ser entregues em julho deste ano, e, na falha, o senhor Gardner perderia

considerável valor. Assim, quando apareci, era uma correria única. Não havia tempo para aprender nada. Cada homem teria de fazer o que sabia. Ingressando no estaleiro, as ordens que recebi do senhor Gardner foram de que eu fizesse tudo o que os carpinteiros mandassem. Isto fazia com que eu estivesse sob as ordens de mais ou menos setenta e cinco homens, os quais eu obedecia como meus senhores. Sua palavra era minha lei. Minha situação era a mais penosa possível. Precisaria ter muitas mãos. Era chamado dezenas de vezes, no espaço de um minuto. Três ou quatro vozes me chamavam ao mesmo tempo. Assim: “Fred, traz aquele tambor.” “Fred, ajuda a empurrar esta madeira aqui”. “Fred, empurra esta madeira para acolá”. “Fred, traz um pouco de água fresca”. “Fred, ajuda a serrar pedaço desta tábuas”. “Fred, traz depressa o pé-de-cabra”. “Fred, segura firme o extremo dessa aí”. “Fred, vai no ferreiro e trás um punção”. “Oi Fred! Depressa, busca um cinzel frio”. “Fred, depressa, aviva o fogo, rápido como um raio, sob aquela caldeira”. “Alô, preto, vem cá e gira este rebolo.” “Vem, vem! — Vai lá! empurra essa madeira adiante.” “Já disse, escurinho, porque não aqueces um pouco de piche?” “Olha aqui, olha aqui (três vozes ao mesmo tempo). “Vem cá! Vai lá! Fica aí! Se sair daí vou explodir teus miolos!”

Este foi meu treinamento por oito meses; e eu teria ficado lá por mais tempo não fora a terrível briga que tive com quatro dos aprendizes brancos, na qual o meu olho esquerdo foi quase arrancado e fui horrivelmente mutilado noutros locais. Os fatos foram os seguintes: até pouco tempo antes de eu chegar, carpinteiros brancos ou negros trabalhavam juntos e, aparentemente, ninguém se importava com isto. Todos pareciam estar satisfeitos. Muitos dos carpinteiros negros, eram homens livres. Tudo corria, assim, muito bem. Até que, de repente,

declararam não mais querer trabalhar ao lado dos negros. A alegação era de que se os carpinteiros negros fossem prestigiados, em pouco tempo ocupariam os postos e não sobraria trabalho para os brancos pobres. Queriam, assim, interromper o processo. E, considerando o momento de dificuldade porque passava o senhor Gardner, se demitiram, dizendo que não mais trabalhariam, a menos que os carpinteiros negros fossem despedidos. Bem, embora que isto não me atingisse na forma, o fazia de fato. Meus jovens companheiros aprendizes começaram, a seguir, a sentirem-se degradados em trabalhar comigo. Começaram a falar em “pretos” controlando o país, dizendo que os “pretos” deveriam ser mortos e, estimulados pelos operários qualificados, começaram a tornar minha vida muito difícil, intimidando-me e, às vezes, ferindo-me. Eu procurei manter a promessa que fiz após a luta com o senhor Covey, mas as vezes revidei, apesar das conseqüências. Enquanto consegui mantê-los sem se agruparem, obtive resultado, pois poderia bater em qualquer deles, individualmente. Eles, porém, se acertaram e me atacaram, armados de estiletes, pedras e barras de ferro. Um avançou com meio tijolo. Eu estava cerca, havia um de cada lado e outro atrás. Enquanto me defendia dos da frente e um do lado, o que estava atrás avançou com uma alavanca, perpetrando um golpe em minha cabeça. Fiquei tonto e caí. Com isto, caíram todos sobre mim aos murros. Deixei que batessem, enquanto adquiria fôlego. Em seguida, dei um repentino pulo e ergui meus joelhos e mãos. Nessa posição, um deles desferiu um violento pontapé, que atingiu meu olho esquerdo. Meu globo ocular pareceu haver estourado. Quando viram o estado que ficou meu olho, muito inchado, foram embora. Juntei a alavanca e, por instantes os persegui. Os carpinteiros, porém, interferiram e disseram que eu deveria, também, soltar a ferramenta. Era impossível

que eu pudesse enfrentar tantas pessoas. Isto ocorreu à vista de não menos que cinqüenta carpinteiros e sequer um disse uma palavra de simpatia para mim. Ao contrário, alguns gritavam: “ Mata esse preto desgraçado. Mata-o. Mata-o. Ele atacou um branco!” Constatei que minha única oportunidade de sair vivo era bater em retirada. Consegui sair, por sorte, sem outro ataque, pois agredir a um branco significa morte pela lei de Lynch, também no estaleiro do senhor Gardner.

Fui direito para casa, e disse o que ocorrera ao senhor Hugh. Fico feliz em dizer que, irreligioso como era, sua conduta foi celestial, comparada com a de seu irmão Thomas, sob as mesmas circunstâncias. Ele ouviu atentamente minha narrativa e as conseqüências que levaram ao selvagem ataque, e deu prova inequívocas de sua indignação. O coração de minha outrora gentil patroa estava, outra vez, pleno de compaixão. Meu olho inchado e minha carne dilacerada, levaram-nas lágrimas. Ela empurrou uma cadeira para mim, e, com uma toalha molhada, limpou meu sangue, e, com ternura maternal, curvou minha cabeça para cobrir meu olho ferido com uma compressa de carne bovina fresca. Foi uma espécie de consolo para meu padecimento assistir, outra vez, uma manifestação de bondade dessa gentil senhora. O senhor Hugh mostrava-se muito encolerizado. Ele externou seus sentimentos ao amaldiçoar aqueles que me haviam atacado. Tão pronto senti-me melhor, ele levou-me até o advogado Watson, na Bond Street, para ver o que poderia ser feito. O senhor Watson perguntou-me quem havia assistido ao ataque. O senhor Watson explicou que ocorrera no estaleiro do senhor Gardner, ao meio dia, quando grande número de operários trabalhava. “Vê-se que o fato ocorreu, porém, não se sabe quem o praticou”. Esta sua resposta foi complementada com a informação de que, a menos que algum branco

testemunhasse a meu favor, nada poderia ser feito. Ele não poderia requerer qualquer mandado baseado em minha palavra. Mesmo que tivesse sido assassinado na presença de mil homens de cor seu testemunho não seria bastante para arrestar um dos homicidas. O senhor Hugh viu-se obrigado a admitir que a situação era difícil. Por certo, era impossível obter o testemunho de qualquer branco a meu favor e contrário a um seu semelhante. Ainda aqueles que possam ter-se simpatizado comigo, não estavam preparados para assumir tal posição. Haveria de requerer um alto grau de coragem, posto que então o menor gesto humanitário com relação a uma pessoa de cor levantava suspeitas de tratar-se de um abolicionista, palavra que acarretava terríveis responsabilidades. Eram tempos em que as palavras de policiamento eram “Danem-se os abolicionistas!”, Danem-se os negros! Nada havia a ser feito, tampouco seria, se eu houvesse sido assassinado. Assim era, e assim permanecem, as coisas na cidade cristã de Baltimore.

O senhor Hugh, sentindo que não havia retorno em minha situação, recusou mandar-me de volta para o estaleiro, com o senhor Gardner. Fiquei em sua casa, e sua esposa cuidou de minhas feridas até que recuperasse a saúde. Levou-me então para o estaleiro onde era o administrador, empregado do senhor Walter Price. Ali estava eu, imediatamente betumando e, logo adiante, especializado na arte de usar marreta e ferros. Ao fim de um ano, após deixar o senhor Gardner, eu recebia dos salários mais altos pagos aos operários mais especializados. Eu era, agora, de importância para meu amo. Eu representava para ele receber entre seis e sete dólares por semana. Houve vezes em que cheguei a trazer nove dólares; meu salário era de um dólar e meio por dia. Após aprender a técnica do betume, busquei meu próprio emprego, fiz meus contatos e

recolhia o dinheiro que ganhava. Meu caminho se tornou mais desimpedido do que antes; minha condição era muito mais confortável agora. Se tinha betume para aplicar eu trabalhava, se não ficava descansando. Durante meu ócio, os sonhos de então, de liberdade, povoavam meus pensamentos. Trabalhando para o senhor Gardner me mantinha numa permanente turbilhão de excitação, de modo que não podia concentrar-me em nada mais do que minha vida e, pensando em minha vida, quase esqueci de minha liberdade. Eu observei, em minha experiência de escravo, que, na medida em que minha vida melhorava, aumentando meu contentamento, meu desejo de ser livre também aumentava. Aprendi que, para fazer um escravo feliz, basta não deixá-lo pensar. É necessário toldar sua visão moral e mental, e, ainda, tanto quanto possível, aniquilar seu poder de raciocinar. Ele deve ser induzido a acreditar não haver inconsistências na escravidão; que a escravidão é certa; e ele só pode chegar a este ponto, quando deixa de ser um homem.

Eu recebia agora, como disse, um dólar e meio por dia. Eu ajustei este valor; eu o recebia; me era pago assim; era de direito meu; todavia, quando retornava cada noite de sábado, eu era obrigada a entregar cada centavo desse valor para o senhor Hugh. Por quê? Não porque ele houvesse merecido tanto; não porque eu havia contratado um empréstimo com ele; não porque ele tivesse o mais pálido direito a isto; apenas porque ele tinha o poder de me compelir a entregar-lhe meu dinheiro. O direito coercitivo dos piratas em alto mar é exatamente o mesmo

O Sermão Sangrento de Nat Turner

Como a Literatura dos Escravos, outro tema é o das Revoltas dos Escravos. Era um tipo diferente de negro, dessemelhante ao que servia na Casa Grande e, mesmo, ao que se adaptara à vida dura nas plantações de cana-de-açúcar e algodão. Este escravo, de têmpera forte, essencialmente líder rebelde, arregimentava outros descontentes e lideráveis, partindo para o confronto com a sociedade escravista que os oprimia. O texto a seguir, que conta a odisséia de Nat Turner e seus liderados, é baseado no depoimento do líder de um desses movimentos rebeldes a um certo Tomas G. Gray, advogado. Com inúmeros títulos publicados ao longo dos séculos, mesmo sob a forma de cordel, “O Sermão de Nat Turner”, é um texto público e pode ser encontrado em vários locais. Está, também, em *“Grande Momentos da História Negra”*, livro de Lerone Bennett Jr., por Johnson Publishing Company, Inc., que também pode ser adquirido em livrarias americanas da Internet.



A HISTÓRIA

Era domingo, e havia um ar de torpor e sonolência entorpecendo brandamente Southampton. Sempre fora assim, nos domingos, fins de agosto, no condado de Southampton, situado no canto sudoeste, pouco adiante da fronteira com a Carolina do Norte. A maioria de seus 6.461 brancos e 6.625 escravos que viviam no condado se

encontrava ociosa neste domingo. A colheita já ocorrera, e havia pouco ou nenhum movimento nos campos de algodão e milho. Os escravos que haviam feito a maioria do trabalho se encontravam fora da vista e longe das preocupações. Os brancos, proprietários das terras e dos escravos, sentavam-se nos avarandados ou sob a sombra das árvores, saboreando o famoso uísque de maçã de Southampton, e conversavam sobre o acampamento próximo ao condado de Gates, Carolina do Norte, e a grande caçada à raposa, marcada para segunda-feira.

Nessas circunstâncias, pouco surpreenderia o fato de ninguém haver percebido a magnitude do desastre que se avizinhava. Joseph Travis, um escravocrata azarado que estava a um passo de uma morte horrível, mantinha a rotina de seus domingos de sempre. Foi à igreja, pela manhã, e visitou amigos à tarde, antes de retornar para casa, próxima ao distrito de Cross Keys. Vários quilômetros para noroeste, Catherine Whitehead, proeminente na sociedade, descansava em sua casa confortável, rodeada por filhos e netos queridos, além de um grande número de escravos. Rebecca Vaughan, outra matrona próspera e dona de escravos, brincava com sua sobrinha, Ann Eliza Vaughan, considerada “a mais bela do condado”. A senhora Vaughan havia prometido alegrar os caçadores de raposa, na segunda-feira, assim que as duas mulheres preocupavam-se com os inúmeros detalhes de uma ocasião como aquela.

Assim ocorreu de casa em casa, no condado de Southampton, no domingo, 21 de agosto de 1831. Se os Traveses e os Whiteheads e os Vaughans pudessem haver lido a mente de um certo escravo desse condado, sem dúvida, teriam organizado a rotina de seu dia diferentemente. Mas nada na face ou no comportamento desse escravo traía o que escondia em seu coração. O escravo chamava-se Nat Turner. Do alcance, da dimensão total do pesadelo que se abateria sobre Southampton, deve-se ter uma imagem.

Seria dito mais tarde que Nat Turner “provocou um impacto sobre a gente dessa região tão grande quanto fizera John C. Calhoun ou Jefferson Davis⁷”. Mas em Southampton, agosto de 1831, ele era apenas um escravo a mais, e mesmo um escravo

⁷- **John C. Calhoun** (1782-1850). Líder político, campeão na luta pelos direitos dos estados e símbolo do chamado Velho Sul. - **Jefferson Davis** (1808-1889) Soldado norte-americano e presidente dos Estados Confederados (1861-1865). Foi capturado pelos soldados da União em 1865 e aprisionado por dois anos. Mesmo tendo sido condenado por traição (1866), jamais processado.

inexpressivo até então. De acordo com uma proclamação oficial emitida mais tarde, Turner estava “entre trinta e trinta e cinco anos de idade, tinha a altura em torno a um metro e setenta centímetros, pesando entre 68 e 72 quilos, com compleição clara, mas não de mulato – com ombros largos, nariz amplo e chato, grandes olhos, pés grandes e chatos e um tanto genuvalgo, movimenta-se rápido, expedito; cabelo no topo da cabeça bem fino, sem barba, exceto sobre o lábio superior, e sob o queixo; uma cicatriz na têmpora e outra na parte posterior do pescoço; um grande calombo num dos ossos de seu braço direito, próximo do pulso produzido por um golpe⁸”.

A descrição era bastante acurada, mas, como a maioria das descrições oficiais omitia dados relevantes. Não havia menção ao porte e jeito de agir do homem. Nem havia, por incrível que pareça, menção a seus olhos. Todos que conheceram Nat e que depois se recordavam dele, mesmo através de uma névoa de sangue, referiam-se a seus olhos. Os olhos, diziam, eram os olhos de um santo, de um revolucionário ou de um lunático. Eram olhos de fim único. Eles eram os olhos de um homem que havia enxergado outros mundos. Um branco hostil, que o viu mais tarde, disse que ele correspondia “exatamente à descrição anexada à proclamação do governador, exceto que ele era de matiz mais escuro, e seus olhos, embora grandes, não eram proeminentes – eram muito longos, profundamente incrustados em sua cabeça e tinham, mais propriamente, uma expressão sinistra”.

Adiante, quando sangue e terror ficaram em seu rasto, Nat Turner disse acreditar que, desde seu nascimento, estava destinado a um grande evento. Nasceu, em 2 de outubro de 1800, em Southampton, filho de dois africanos escravos. Estava na casa dos trinta quando lhe irrompeu a consciência de culpa, quanto ao mal que representava a escravidão no Sul. Sua mãe, contavam, era uma mulher determinada que não queria trazer ao mundo ainda outro escravo. Segundo o historiador William Sidney Drewry, estava “tão brava com o nascimento daquele filho que tivera de ser amarrada para evitar que matasse seu rebento”.

⁸ - NOTA DO AUTOR: Esta reconstituição da insurreição de Nat Turner é baseada em *The Confessions of Nat Turner (As confissões de Nat Turner)* editadas por Thomas R. Gray, notícias e registros da época. Pode ser consultado ainda, *The Southampton Slave Revolt of 1831: A Compilation of Source Material*, de Henry Irving Tragle; *Slave Insurrections In Virginia (1830-1865)* de William Sidney Drewry; *Nat Turner's Slave Rebellion*, de Herbert Aptheker; *The Negro in Rebellion*, de Williams Wells Brown; *Travellers and Outlaws*, de Thomas Wentworth Higginson.

Nat Turner sobreviveu, sua mãe abrandou; aquele, a mãe e o pai embarcaram na conspiração, contra a realidade existente do outro lado da escravidão. O jovem Nat tinha, em suas próprias palavras, “uma mente indócil, inquisitiva e observadora”, e que era capaz, acrescentou uma testemunha branca, de entender tudo, “parece haver aprendido a ler e escrever praticamente da noite para o dia; e foi sempre uma pessoa assustadora, com suas profecias. Um exemplo típico dessa afirmativa ocorreu quando tinha três ou quatro anos. “Brincando com outras crianças...” disse Nat, “eu lhes contava coisas que minha mãe dizia haver ocorrido antes do meu nascimento. Minha história prosseguia oferecendo outros aspectos que, na opinião de minha mãe, vinham a confirmá-la; outras pessoas chamadas, mostraram-se perplexas, pois sabiam que esses fatos realmente haviam ocorrido, fazendo-os dizer que eu iria ser um profeta, pois o Senhor havia me mostrado coisas que aconteceram antes do meu nascimento. Meus pais me apoiaram, dizendo na minha presença que eu havia sido predestinado para algum grande propósito... Minha avó, que era muito religiosa, e a quem me ligava especialmente – meu amo, que pertencia à igreja, e outras pessoas religiosas que visitavam a casa, e a quem eu via comumente nas rezas, observando a singularidade de meu agir, eu suponho, e minha inteligência incomum para uma criança, assinalaram que eu tinha muita percepção para ser suscitada, e se assim ocorresse, eu não seria de qualquer utilidade, sendo um escravo...”

Os detalhes da infância desse notável escravo são incompletos, mas alguns lampejos obtêm-se em *Confissões* e outras fontes que são muito instrutivas. Nat dá a impressão, por exemplo, haver experimentado uma vida dupla. Ele trabalhava nos campos, casou-se com uma graciosa escrava e seguiu as rotinas da senzala. Mas também manteve uma vida secreta, jejuando e rezando e “fazendo experimentos de fundição, usando vários moldes de barro, na tentativa de produzir papel, pólvora e muitos outros ensaios...”

Em torno aos anos 1820, Nat se constituía num tipo de celebridade em Southampton, e ele explorava sua reputação de forma inteligente e perspicaz “pela austeridade de sua vida e maneira, que se tornaram objeto de nota, tanto por brancos quanto por negros”. Como todos os grandes líderes, e talvez como os grandes profetas, Nat tinha algo de ator. Tendo descoberto que “para ser grande é necessário mostrar-se

como tal”, ele evitava o convívio social e envolvia-se numa áurea de mistério. Diziam-se adiante, com toda a seriedade, que ninguém jamais o havia visto sorrindo. Thomas R. Gray, advogado de Southampton que registrou e publicou *Confissões*, disse “é notório que ele jamais possuiu um dólar sequer em toda sua vida, nunca prestou juramento ou bebeu uma gota de álcool”.

Era talvez inevitável que um escravo estranho e brilhante se voltasse para a religião, que era, numa maneira de dizer, a única forma de escravo fazer política. Em verdade, não existe capítulo mais assinalado na história da escravatura do que a história de como Nat Turner pegou a arma do cristianismo e voltou sua lâmina afiada contra os escravocratas cristãos. Ninguém sabe como ou quando ele sentiu-se chamado para o ministério. Ele simplesmente materializou-se certo dia como um pregador do Evangelho – um pregador que reivindicava ter inspiração divina. Ele diz-nos em *Confissões* que Deus apareceu-lhe em visões e falou-lhe, revelando “o conhecimento dos elementos, o movimento dos planetas, o funcionamento das marés e a troca das estações”. Um dia, enquanto arando rezava, o Espírito falou-lhe dizendo: “Busqueis o reino dos céus e tudo mais te será acrescido⁹”. Isto o perturbou imensamente e por dois anos rezou continuamente “sempre que o trabalho permitisse, e então novamente eu tive a mesma revelação, confirmando por inteiro a impressão que tinha de haver sido escolhido para um grande propósito do Todo Poderoso”.

A partir de então, Nat iniciou “a dirigir a atenção para esse grande objetivo – atender ao propósito para o qual tenho certeza estava destinado”. Nesse período ele havia conseguido considerável influência sobre o pensamento de seus companheiros de escravidão, que acreditavam ser ele um profeta e que sua sabedoria viera de Deus. Não há dúvida, aí ele começou a preparar os escravos, dizendo-lhes que “algo estava para acontecer que culminariam com o cumprimento das promessas que me haviam sido feitas”.

Não somente escravos, mas negros e brancos livres ouviram e prestaram atenção à mensagem de Turner. Chegou a converter pelo menos um branco, Etheldred T. Brantley, que fora, segundo Drewry, “um feitor decente”. Nat disse que sua mensagem tivera “um efeito maravilhoso” sobre Brantley e que “ele parou com sua

⁹ - Referência a Mateus 6:33.

perversão, e foi atacado imediatamente por uma irrupção cutânea, e o sangue escorreu dos poros de sua pele, e após rezar e jejuar por nove dias ficou curado, e o Espírito apareceu-me novamente e disse que, tendo o Salvador sido batizado também nós deveríamos fazer o mesmo – e quando os brancos impediam que fossemos batizados em sua igreja, íamos juntos até o rio, à vista dos muitos que nos insultavam, e éramos batizados pelo Espírito...”

Há indícios nos registros de que Nat anteviu onde tudo iria terminar. Ele acreditava, aparentemente, que era uma espécie de Cristo, e tinha a premonição de que o caminho que seguia chegaria a algum tipo de encruzilhada. É, assim, interessante notar que o caminho de seu julgamento estava marcado por curiosos momentos de indecisão nos quais lutaria contra o destino que o chamava. Numa ocasião, ele nos diz que fugiu, “e após haver ficado na mata por trinta dias retornei para a fazenda, para espanto dos negros que pensavam que eu havia escapado para alguma outra parte do país, como meu pai fizera antes. Mas a razão para minha volta foi que o Espírito apareceu e disse que eu tinha meus desejos direcionados para as coisas deste mundo, e não para as coisas do reino de Deus, e que eu deveria retornar para servir a meu amo na terra – ¹⁰pois aquele que sabe da vontade de seu amo e não a atende deve ser açoitado com mil tiras, e assim eu o puni”. (Um branco bem informado disse mais tarde que em torno a 1828 “Nat foi açoitado por seu amo, por declarar que os negros deveriam ser livres, o que iria ocorrer mais dia menos dia.” Esta é uma passagem muito importante. Nela, Nat faz uma brilhante distinção entre liberdade pessoal e aquela de todos os oprimidos, ou seja, uma fuga individual para o Norte e a luta pela libertação coletiva de seu povo. Então, jogando com suas palavras, faz uma distinção firme e final entre seu “amo na terra” e o Senhor.

Embora tudo isto – e adentrando os trinta – a mente de Nat Turner era assaltada e oprimida por visões e vozes. Ele viu “espíritos brancos e negros numa batalha, e o sol se ensombrou – trovão ribombava nos céus e o sangue corria em torrentes...” “Sangue – havia sangue em toda parte. Enquanto trabalhava na lavoura e encontrou “gotas de sangue no milho como se fosse orvalho do céu”. Caminhando

¹⁰ - Referência a Lucas 12:47 .

nas matas, descobriu nas folhas “caracteres hieróglifos e números com os contornos de homens em poses diferentes, pintadas com sangue...”

Sangue, sangue nas folhas, sangue no milharal – o que significava todo esse sangue?

O significado, segundo a mensagem que Nat afirmava haver recebido do Espírito Santo, era: “o grande dia do julgamento final está próximo” e “rapidamente se aproximava o tempo quando os primeiros serão os últimos e os últimos os serão os primeiros”. A 12 de maio de 1828, o Espírito Santo apareceu e disse-lhe que, “a Serpente estava solta” e ao surgimento do símbolo, iria erguer-se e matar seus inimigos com suas próprias armas”.

O símbolo – o eclipse solar de 12 de fevereiro de 1831 – removeu o lacre dos lábios de Nat – e ele selecionou quatro discípulos: Henry Porter, Hark Travis, Sam Francis e Néelson Williams – e a data, 4 de julho de 1831. Porém, Nat adoeceu no último momento e Southampton comemorou o Dia da Independência sem qualquer incidente. Então, no sábado 13 de agosto, mostrou-se outro símbolo. Nesse dia, uma mancha esverdeada aureolava o sol e uma grande mancha negra passou por sobre sua superfície. Não podia restar dúvida sobre aquele portento, assim que Nat convocou um conselho de guerra para aquele domingo, vinte e um de agosto, dizendo a seus discípulos que “como a mancha negra havia passado sobre o sol, assim deviam os negros passar sobre a terra”.

Entre o sábado, treze de agosto, ao domingo, vinte e um desse mês, Nat trabalhou dissimuladamente. Nós não sabemos, e jamais iremos saber os detalhes de suas andanças, mas há indícios fortes nos registros. Houve, por exemplo, os distúrbios na igreja Barnes no domingo seguinte ao surgimento do símbolo. A natureza da perturbação não é clara, mas John Hampden Pleasants, um editor de Richmond que mais tarde serviu com a milícia em Southampton, disse num despacho de vinte e cinco de agosto que “os negros... aparentavam estar desordenados, ofendendo-se por qualquer coisa (não se sabe o quê)”. Há outra referência ao mesmo incidente na dissertação de doutorado de William Sidney Drewry, que entrevistou os sobreviventes da insurreição de Southampton, sessenta anos depois. “Os brancos,” escreveu, “executavam um serviço religioso de revivificação na igreja Barnes no dia quatorze de

agosto, e muitos negros que estavam presentes tiveram o privilégio de orar junto com os brancos e da mesma forma participar do culto dirigido pelos pastores de sua própria cor. Nat predicou nesse dia e parece haver conseguido muitos simpatizantes, que expressaram seu empenho em cooperar, colocando em torno ao pescoço um lenço vermelho, o que de muitas formas evidenciava seu espírito rebelde”.

O que exatamente fizeram os escravos rebeldes? Drewry disse: “eles tentaram esmagar os brancos”.

Após o incidente na igreja de Barnes, Nat recolheu-se às sombras. Há indícios de que ele ou seus discípulos fizeram propostas discretas para alguns escravos. De qualquer forma, uma lista de vinte nomes foi encontrada mais tarde em meio a seus documentos, onde estavam outros itens de interesse, inclusive um mapa do condado de Southampton, desenhado com suco de caruru, e documentos preenchidos com caracteres hieróglifos. Um branco desse condado, que examinou os documentos após a insurreição, disse que “os caracteres nos documentos mais antigos, aparentemente parece haverem sido escritos com sangue, e em cada papel são distintamente visíveis uma cruz e um sol, e números, 6.000, 30.000, 80.000 e...” De onde essas estimativas de forças? Não sabemos, mas deve-se atentar para os números da população branca em Southampton, naquela época, 1830, de aproximadamente seis mil almas.

Uma coisa era planejar uma insurreição, outra muito diferente era prevenir inconfidência. Sabedor de alguma forma detalhes de prévias insurreições escravas, Nat disse a seus discípulos que o maior perigo era soltar a língua. Mas alguns dos iniciados não podiam resistir à tentação de deixar escapar pequenos detalhes. Na quinta-feira, antes do levante, Néelson alertou a um *feitor* branco que “eles [os brancos] deveriam manter-se alertas, protegendo-se, pois algo poderia ocorrer não muito além, e que os envolvidos não podiam falar dessas coisas”.

Durante esse mesmo período crítico, houve aparentemente um grande número de recrutamentos não autorizados. No sábado, um escravo chamado Isham, que não era um dos quatro apóstolos iniciais, disse a um escravo chamado Henry, de acordo com um testemunho posterior à corte, “que o general Nat iria se sublevar e assassinar todos os brancos, e que a testemunha [Henry] deveria juntar-se a eles ou, em caso contrário, o iriam matar se o apanhassem”. Muito interessante! Henry não passou essa

informação a seu patrão, senão que após o evento. Assim, o domingo, vinte e um de agosto, chegou. Antes do meio dia, os discípulos de Turner esgueiraram-se de suas senzalas para chegar às margens de Cabin Pond, uma área de mata densa próxima à casa de Joseph Travis, que se havia casado com a viúva do último amo de Turner, e que herdara, Nat, e a morte.

A reunião dos discípulos era enganosamente festiva. Hark trouxe um porco, que foi assado e ingerido com destilados. Havia seis homens no banquete, inclusive dois novatos, Jack e Will. Este era, de acordo com relatos de William Wells Brown, um escravo amargurado que “desprezava a idéia de usar o nome de seu amo”. Sua mulher, Brown disse, sem citar a fonte, fora vendida para o traficante de negros, e levada embora para sempre”. As costas de Will, Brown disse, “estavam cobertas de cicatrizes, dos ombros até seus pés, e uma grande cicatriz que corria do olho direito até o queixo, mostrando que ele vivera com um amo cruel”. Com cerca de um metro e oitenta de altura, forte e bem-apeado, Will iria em breve vingar sua provação, brandindo seu machado com golpes imparciais.

Will era um individualista; muito diferente era Hark, um homem bonito e destemido identificado em alguns relatos da época como general Moore, e segundo em comando após Turner. Hark era, como Nat, escravo de Joseph Travis. Um branco da localidade que o viu mais tarde disse que era “o homem mais bem-posto que havia visto – um Apolo negro”.

Esses os homens que festejaram e conspiraram às margens de Cabin Pond, enquanto Southampton repousava ao sol de fins de agosto. Nat, que conheceu o valor de uma retardada e dramática entrada em cena, não se juntou ao grupo até três horas da tarde. E a primeira coisa que notou foi a presença dos dois novatos.

“Eu os saudei ao chegar”, disse Nat Turner, “e indaguei a Will como ele estava ali, e ele respondeu que sua vida valia não mais do que a dos demais, e sua liberdade era por ele ansiada. Eu indaguei-lhe se pensara em consegui-la. Ele disse que a conseguiria ou daria sua vida. Isto foi o bastante para que eu confiasse plenamente nele”.

Nat era um homem de poucas palavras, e não perdeu tempo com Jack Reese, o outro novato. Ele conhecia Jack; sabia que ele era um fraco; sabia que Jack era

“apenas um tolo nas mãos de Hark, que era casado com a irmã de Jack. Assim, sem maiores discussões, enfrentou o primeiro item da agenda – insurreição, fazendo-o de forma curiosa, separando os homens um por um, e dando instruções individuais para cada qual. Tendo avaliado cada homem, Nat voltou para o grupo, abrindo um conselho geral de guerra. Jack imediatamente levantou objeções, dizendo que a idéia era impraticável e condenada ao fracasso. Nat tranquilamente deu garantias a Jack e ao grupo da “praticabilidade” de seu projeto “dizendo que o número dos participantes aumentaria à medida que prosseguissem; e acrescentou que a razão para ainda não lhes haver dito é que os negros tentaram antes coisa semelhante, informando de seus propósitos para muita gente, e que a conspiração sempre acabava vazando; mas sua decisão era de que sua marcha de destruição e morte deveria ser a primeira notícia da insurreição”.

A posição de Turner acabou com as dúvidas que seus seguidores poderiam ter. Assim, foi “rapidamente acertado”, Nat disse, “que deveremos começar em casa [na casa de Joseph Travis] nesta noite; e até que consigamos armas e equipamentos e tenhamos reunido força suficiente, nem idade ou sexo devem ser motivo para perdão”. Nat disse aos homens que “a matança indiscriminada não estava em seus objetivos” e deveriam, “ em primeiro lugar, infligir terror e pânico”. “Depois de conseguida uma base de operações”, acrescentou, “mulheres e crianças deveriam ser poupadas, bem como homens que deixassem de resistir”.

Após sair de Cabin Pond, de acordo com William Wells Brown, Nat discursou para seus discípulos. As palavras registradas por Brown foram aparentemente escritas após o evento, mas não fogem dos fatos, como nós os conhecemos hoje, e nos dão um eloqüente, talvez um pouco fantasioso, retrato do general Nat, da forma como se portou à beira da imortalidade.

“Amigos e irmãos!”– Nat teria dito – “estamos iniciando esta noite uma grande jornada. Nossa raça está na iminência de livrar-se da escravidão, e Deus nomeou-nos para dar cumprimento a essa missão; assim que, sejamos merecedores desse desígnio. Tenho ordem de matar todo o branco que venhamos a encontrar, sem considerações de idade e sexo. Nós não temos armas ou munição, mas vamos encontrá-las na casa de nossos opressores; e, na medida em que avançemos, outros haverão de se juntarem ao

nosso grupo. Tenham em mente que nossa caminhada não é pelo prazer de sangue e carnagem, mas é necessário que no início desta revolução, todos os brancos que encontremos devam morrer, até que tenhamos um exército forte o bastante para dar andamento ao movimento em bases cristãs. Lembrem-se que nossa guerra não visa o saque ou à satisfação de nossas paixões; é a luta pela liberdade. Devemos agir e não fanfarronar. Então, sigamos para o palco das ações.

Era cerca de uma hora da madrugada. Southampton repousava silente na escuridão enquanto Nat Turner e sua tropa de seis homens rastejavam em meio à mata em direção à casa de Joseph Travis. No jardim da casa, o pequeno grupo deparou-se com o escravo Austin, que imediatamente aderiu, tornando-se o sétimo soldado do exército de Nat. Todos os homens, com exceção de Nat, foram até a prensa de cidra, e beberam vinho de maçã. Nat, que era abstêmio, e não estava nervoso, aguardou que eles retornassem. Quando voltaram, apontou na direção da casa, e silenciosamente todos para lá se encaminharam. Havia uma escada convenientemente postada contra a chaminé. Nat escalou-a, entrou na casa pela janela do sobrado, desceu pelo interior e abriu a porta da frente. Rápida e silenciosamente, os homens se dirigiram para o quarto do casal Joseph Travis. Então, à beira da ação, houve um ataque de hesitação de última hora. Os homens, sussurrando, disseram a Nat que, sendo a insurreição projeto seu, ele deveria ser o primeiro a fazer o sangue jorrar. Nat concordou, com a cabeça, e adentrou ao quarto, empunhando uma velha machadinha, acompanhado de Will. Sem um instante e hesitação, desferiu um golpe que supunha mortal, na cabeça de Joseph Travis. Mas estava escuro no quarto, e o golpe que não fora bem dirigido, não atingiu a cabeça de Travis, que deu um pulo, assustado, e chamou pela esposa. Foi a última coisa que fez. Will com o seu machado golpeou-o, abrindo a cabeça de Travis e, praticamente no mesmo golpe, quase decapitou Sallie Travis. Dois adolescentes, Putnam Moore e Joel Westbrooks, dormiam em quartos no andar de cima. Moore era filho de Thomas Moore, sendo assim proprietário de Nat. Esse parentesco custou-lhe muito caro. Um golpe, diz uma narrativa da época, “parece ter sido suficiente para [tanto Moore quanto Westbrooks], que dormiam tão próximos, atingia cada um dos pescoços”. Uma criança dormindo num berço foi ignorada. Mas quando o grupo deixou a casa, Nat

lembrou-se e invocou a regra terrível de que nem idade nem sexo deveria ser motivo para salvação. Henry e Will retornaram e assassinaram a criança.

Os rebeldes se apropriaram na casa de Travis, de quatro pistolas, alguns mosquetões e uma libra ou duas de pólvora. Dirigiram-se a seguir para o celeiro, onde Nat organizou seu grupo em fileira, tentando impor algo de disciplina militar. “Alinhei-os em fileiras como soldados, e após levá-los a exercícios que eu conhecia, comandi-os na direção” da casa de Salathiel Francis, situada cerca de quinhentos e cinquenta metros adiante.

Francis, solteiro, vivia sozinho. Sam e Will, que eram escravos de Nathaniel, irmão de Francis, dirigiram-se à porta da frente e bateram.

“Quem está aí?” Perguntou Francis.

Sam identificou-se e disse que tinha uma carta de Nathaniel Francis. Quando Salathiel abriu a porta, Sam e Will arrastaram-no para o jardim, matando-o com repetidos golpes na cabeça.

Movendo-se rapidamente e mantendo, segundo disse Nat, “o mais perfeito silêncio”, os revoltosos se dirigiram à casa de Piety Reese, um quilômetro e meio na direção sudeste. A porta da frente não estava trancada. O senhor Reese e seu filho William dormiam em seus quartos, e nunca ficaram sabendo o que os atingiu. Após partir da casa dos Reese, Nat e seu exército endereçaram-se para noroeste e marcharam por alguns quilômetros antes de alcançarem, no alvorecer, a casa de Elizabeth Turner. Henry, Austin e Sam dirigiram-se primeiro ao alambique, onde surpreenderam e mataram o feitor, Hartwell Peebles. O disparo de arma alarmou a família de Turner, que acorreu à porta da frente, que Will arrebentou com um golpe de seu machado. Os rebeldes rapidamente adentraram a casa e mataram Elizabeth Turner e Sarah Newsome, que se mantinham de pé, horrorizadas, no centro do dormitório.

Até aquele momento, “quase no alvorecer” de vinte e dois de agosto, o pequeno exército havia tornado a marcha de morte numa rotina. Destruição generalizada da propriedade e a busca por dinheiro e armas sempre se seguia aos assassinatos. Em praticamente cada parada, apoderavam-se de cavalos e ferramentas. Assim, na manhã de domingo, o grupo original composto de sete havia aumentado para quinze, inclusive nove homens com cavalos. Nat agora dividia sua tropa enviando os

seis homens infantis para a casa de Henry Bryant, e a cavalaria, composta de nove homens, para casa de Catherine Whitehead.

À medida que o destacamento montado se aproximava de casa de Whitehead, ocorreu um pequeno incidente, daqueles que dizem muito a respeito da transitória natureza do poder. Richard, filho da senhora Whitehead, se encontrava numa alameda das que separam os canteiros na lavoura de algodão. Ele era um pastor metodista, e havia predicado um vibrante sermão no domingo, na igreja Barnes. Agora, no campo, supervisionava os escravos. Nat freou seu cavalo próximo da alameda e, segundo uma fonte, gritou “Dick”, e segundo todas as fontes, chamou para que o pastor viesse até ele. Cometia, assim, uma violação às normas da escravidão, pois os escravos jamais poderiam dar ordens aos brancos. Assim, no campo, os escravos observavam curiosos se o amo iria atender à ordem do escravo. Ele atendeu. Nat disse: “Will, o carrasco, se encontrava próximo, à mão, com seu machado fatal, pronto para mandá-lo prematuramente para a última morada.” A ação foi terrível. Mas o sistema para o qual fora uma resposta era ainda pior. É impossível avaliar a violência de Nat Turner se não levarmos em consideração o violento sistema para o qual aquilo era contestação.

“Enquanto nos encaminhávamos para a casa”, narrou Nat, “vi que alguém corria pelo jardim; marchei em sua direção, pensando tratar-se de pessoa da família branca, mas constatando que era uma menina doméstica, retornei e recomecei a matança. Mas aquele de quem me afastara não ficaram desocupados; toda a família já havia sido morta, menos a senhora Whitehead e sua filha Margareth. Quando cheguei próximo da casa vi Will arrastando a senhora para fora – ele praticamente separou sua cabeça do corpo, com o machado. A senhorita Margareth, quando a descobri, estava encurralada num canto. Com minha aproximação ela escapou, mas foi em seguida alcançada, e depois de repetidos golpes com um facão, a matei com uma pancada na cabeça, usando um varão de cerca”.

Margaret (Peggy) Whitehead foi a única pessoa morta por Nat Turner. Seria dito mais tarde que o fato de haver matado apenas uma pessoa, e mesmo com grande dificuldade, mostra que ele não tinha coragem. Esta é uma visão curiosa, baseada em grave erro no exame das evidências. Em primeiro lugar, o general Nat, como o chamavam, era o comandante supremo da tropa de desforra, e generais raramente

matam. Em segundo lugar, não se tratava de uma vingança pessoal. Praticamente todas as autoridades no assunto concordam que Nat não era por natureza vingativo; não buscava uma vingança pelos agravos que recebera, senão que uma compensação e liberdade. A campanha que liderava, assim, era de natureza política; e as mortes que ordenara, e pelas quais assumira total responsabilidade, eram políticas e deveriam ser julgadas numa escala diferente de valores. Isto não exclui os assassinatos, tampouco atenua o horror das vítimas. Simplesmente exprime o óbvio: Nat Turner metera-se numa aventura que era mais do que uma farra de criminosos ou um atentado infantil buscando provar virilidade. Deve ser também observado que as vítimas assim eram face à história e pelo efeito bumerangue de um sistema violento que apoiavam ou dele se beneficiavam. Não é verdade, como muitos comentaristas disseram, que Nat desencadeou uma onda de violência em Southampton. A violência já ali existia. Escravatura era violência, e as ações de Nat, ainda que lastimáveis, devem ser assim entendidas quanto às pessoas, onde respostas para essa violência devem ser avaliadas, histórica, sistêmica e politicamente. Há outro ponto que sustenta esse argumento, relacionando-se com o fato destacado de que nenhuma mulher foi insultada ou estuprada durante o dia e meio em que Nat comandou o condado de Southampton. Robert R. Howison, um historiador da Virgínia, que escreveu quinze anos após o evento, disse: “é digno de nota que durante toda a seqüência de ataques, nenhuma mulher foi estuprada. Considerando a desenfreada paixão dos negros, podemos entender tal comportamento supondo que os agentes se intimidaram pelo próprio sucesso de sua horrenda iniciativa”.

Se a pessoa não é racista, este fato pode ser explicado de muitas maneiras, como Thomas Wentworth Higginson indicou em seu ensaio para *Atlantic Monthly*. Ele escreveu: “Numa coisa eram mais humanitários do que os índios, ou do que os brancos lutando contra os índios: não houve agressão gratuita além do golpe de morte em si; sem ultraje, sem mutilação; senão que em cada casa que entravam, o golpe incidia sobre homem, mulher e criança – ninguém que tivesse pele branca era poupado”.

Nesse sentido pode-se dizer de Nat Turner o que Harriet Beecher Stowe¹¹ disse de Dred¹², em seu rebelde personagem da ficção: “ A quem o Senhor disse-nos: ‘golpeia’, então nós golpearemos. Não iremos atormentá-los com flagelo e fogo, tampouco iremos macular suas mulheres como ele fizeram com as nossas. Mas iremos matá-los todos, e fazê-los sumir da face da terra¹³”.

Seja o que outros tenham pensado sobre o assunto, Nat não tinha dúvidas sobre a integridade e justiça de sua estratégia: atacar com tamanha força que os defensores em potencial haveriam de se submeter, apavorados. Isto porque, limitados eram seus recursos e imenso o inimigo que teria de enfrentar. A estratégia alcançou o efeito que Nat buscava. Quando os primeiros corpos dilacerados foram encontrados, na manhã de segunda feira, um indescritível terror tomou conta de Southampton, e foi impossível, de início, organizar uma defesa efetiva. Face ao inimigo desconhecido e inesperado, homens, mulheres e crianças entraram em pânico. Alguns fugiram para a mata, escondendo-se sob a folhagem. Houve quem fugisse do condado e mesmo quem saísse do Estado.

¹¹ - Autora de *“Uncle Tom's Cabin ”* (A Cabana de Tio Tomás, romance conhecido no Brasil como *“A Cabana do Pai Tomas ”*).

¹² - Dred Scott (1795?-1858) - Escravo americano que ajuizou processo por sua liberdade, após haver passado quatro anos com seu amo num território onde a escravidão havia sido banida, face ao Compromisso do Missouri. Seu processo gerou em 1857 uma decisão da Suprema Corte dos EUA

¹³ - Citações da Bíblia, Êxodo - trechos relacionados com o cativo dos judeus no Egito..

À medida que a revolta ganhava força, grande número de brancos buscava refúgio nas igrejas e prédios públicos em Pate's Hill, Cross Keyes e Branch's Bridge. Os refugiados brancos, em sua maioria, mostravam-se histéricos. “A ocorrência de qualquer fato incomum, ainda que menor, era motivo para causar grande confusão. Um rebanho de ovelhas despontando ao longe fora tomado como rebeldes em marcha. Por isto, em seguida, mulheres e crianças escaparam para o pântano. Ali ficaram por duas noites, abrigadas sob a folhagem e mantendo-se com o pouco que conseguiram levar consigo” – escreveu Drewry. Na confusão generalizada que envolvia a evacuação, os escravos eram deixados à sua sorte. A reação de Drewry Bittle foi típica: quando ouviu os informes sobre a rebelião, correu a casa e “levou sua família, deixando seus negros, instruídos de que por nada deveriam abandonar a casa, apenas se fosse preciso fugir dos negros”.

Visto hoje em dia, parece fantástico o que pensaram alguns: “os ingleses haviam invadido a América e estavam matando tudo que se movia”. Quando, enfim, ficaram sabendo que a invasão vinha das senzalas, muitos brancos negaram juntar-se à milícia, dizendo que seria de maior utilidade ficar em casa, protegendo suas mulheres e crianças.

Nat avançava mais, e via suas fileiras engrossarem sempre mais, a cada parada que fazia. Na metade da manhã, tinha já uma força composta de vinte homens. No entardecer, comandava sessenta.

Jamais houvera um exército como aquele. Havia escravos de todos os tamanhos, tipos e matizes, vestidos, muitos deles, com roupas e adereços apropriados a seus amos, e brandiam mosquetes, espingardas, cacetes e machados. Ali estavam negros livres, orgulhosos e desafiadores, lutando lado a lado com seus irmãos escravos. Também, adolescentes e meninos que “montavam cavalos, na retaguarda de cada companhia”. Alguns desses soldados, se acreditarmos em W. S. Drewry, “ostentavam plumagens em seus chapéus e vestiam longas bandas na cintura e sobre os ombros”.

Os tenentes-chefes desse exército chamavam-se Hark, Néelson, Will e Henry. Hark foi identificado em relatos contemporâneos como “capitão Moore” e “general Moore”. Néelson que se proclamava profeta, foi identificado num relatório como “o afamado [general] Néelson”. O general Henry era o “pagador” do exército. Por último,

quatro negros livres tiveram participação na revolta: o artista Will era identificado como um líder. O artista, diziam, “era distinto dentre os insurgentes; quando recrutado, chorou como uma criança, mas tendo sofrido o batismo de sangue, portou-se desde então como um lobo em meio a um rebanho de ovelhas”.

Por razões óbvias, faltam informações biográficas a respeito dos soldados. Mas é certo, eles se relacionavam há anos. Três dos insurgentes – Nat, Hark e um jovem chamado Moses – serviam na fazenda de Travis. Outros seis, Sam, Will, Dred, Nathan, Tom e Davy, eram escravos na fazenda de Nathaniel Francis, que parece haver sido o ninho do movimento revolucionário. Alguns desses homens, como Hark e Jack, eram cunhados; outros, como Nathan e Ben, eram irmãos. Não havia mulheres dentre as tropas de choque, mas essas se encontravam dentre os maiores entusiastas da insurreição. Charlotte, uma das escravas revoltosas de Francis, atacou e capturou sua ama. O mesmo fez Lucy, uma escrava com vinte anos, servindo na fazenda de Barrow, que se ligava romanticamente a Moses, um dos melhores soldados de Turner. O exército também incluía o jovem e o coxo. No julgamento de Nathan, Tom e Davy, a corte concluiu que “o mais velho não tinha mais do que quinze anos, e que os outros dois eram muito jovens; o mais velho pouco crescido”. Uns dentre os jovens eram descritos como montados a cavalo durante os ataques, e alguns deles disseram quando em julgamento que eram obrigados a acompanhar Nat e “que eles participaram com má vontade”. Essa era uma forma de defesa muito comum nos julgamentos – mas, por certo, jovens e adultos que se valeram dela, foram fiéis a Nat até que “toda a tropa houvesse sido dispersa”.

Havia algo que inspirava terror na forma como esses homens e meninos cavalgavam: sua aparência e seus gritos aterradores.

O relato de um morador dizia: “O andar dos negros servia para adicionar ainda mais terror, pois nunca cavalgavam senão que à máxima velocidade; e à medida que os cavalos ficavam fatigados, trocavam por outros descansados”. Dizia a mais esse informe: “o fato de estarem montados, e sua forma incomum de cavalgar, dava a impressão de ser o número de cavaleiros muito maior do que realmente era”.

Nat, o comandante incontestado do exército, cavalgou nos melhores cavalos que o dinheiro dos escravocratas podia comprar, e portava uma espada, com

empunhadura em marfim e rubis, a bainha em prata. Durante os estágios posteriores da campanha, Nat dedicou-se por inteiro ao comando, enviando um destacamento para uma casa, um segundo grupo para outra residência, e ao fim inspecionando, pela retaguarda, se o “exercício da morte” havia sido praticado. Os regimentos tinham um ponto de encontro comum, quando retornavam dos ataques, e Nat descreve que ao alcançar um desses pontos encontrou “a maioria montada, e pronta para o ataque [e] os homens agora somando cerca de quarenta, deram vivas e gritos à medida que me aproximei”.

Nesse momento, havia que apressar o movimento. “Assumi meu posto na retaguarda, e como meu objetivo era espalhar o terror e a devastação por onde passássemos, destaquei quinze ou vinte dos homens mais bem equipados e de maior confiança, capazes de chegar às casas tão rápido quanto permitiam seus cavalos.” Disse Nat, que acrescentou, “Isto tinha dois propósitos: impedir que fugissem e disseminar terror entre as pessoas. Agindo dessa forma, nunca cheguei às casas, depois da primeira investida, que foi contra a família Whitehead, antes das mortes ocorrerem. Algumas vezes cheguei ao local em tempo de ver o morticínio terminado, contemplando os corpos que jaziam mutilados, em íntima satisfação, e imediatamente reiniciava a busca por mais mortes...” A procura abrangia vítimas de todo o tipo e era entremeada pelos rogos, gemidos e gritos dessas. Para alguns dos golpeados o projétil irrompia de forma tão súbita, inesperada, que eram anestesiados e como que jogados ao nada. Esses eram os felizardos. Outros viam a morte se aproximando, tinham tempo de conjecturar e senti-la antes mesmo que a bala ou o machado rasgasse suas carnes. Estamos hoje muito longe daquela horrenda segunda feira, mas é impossível ler relatos dessa carnificina sem estender às vítimas a compaixão humana que ela – e os seus ancestrais e descendentes – foram incapazes de estender às suas vítimas e aos seus assassinos.

Numa frase de evocação estranha, Nat chamou a isso de “o exercício da morte”. A tarefa se alongou por todo o dia. “Trajan Doyle, Henry Bryant, esposa, criança e sogra; o feitor de Nathaniel e duas crianças... senhora Caswell Worrell e criança...senhora Jacob Williams e três crianças:” todos morreram, assim como a bela jovem Ann Eliza Vaughan e sua tia Rebecca Vaughan, que havia preparado o farnel

para os caçadores de raposa e que cometeu o erro fatal de pensar que o tropel dos cavalos e homens se aproximando fosse provocado pelos caçadores de raposa aproximando-se da casa, o que Rebecca esperava ansiosamente. Ela, seu filho Richard e a sobrinha Ann foram baleados. Um escravo da família narrou que, “quando a missão foi cumprida, foram convidados para comer, beber e relaxar”.

Apenas os brancos pobres, que não possuíam escravos, foram poupados. John Floyd mais tarde diria que os insurgentes “pouparam apenas uma família, mas esta era tão miserável quanto eles próprios”. A mesma colocação foi feita por um dos rebeldes, que disse adiante ao confessar sua participação que o “capitão Nat, passando por uma casa onde viviam pessoas muito pobres, disse que não os iria matar porque eles não se consideravam melhores dos que os negros”.

Alguns brancos escaparam da ação de Nat, mantendo-se em esconderijos de suas casas. Lavinia Francis, esposa de Nathaniel Francis, sobreviveu por esconder-se no sótão. Uma menina não identificada de doze anos, escondeu-se numa lareira, lugar privilegiado de onde assistiu, com horror, o assassinato de diversas pessoas, inclusive sua irmã.

Mary T. Barrow, uma das beldades do condado e a filha da desafortunada Rebeca Vaughan, também escapou, mas não sem pagar seu preço. De acordo com o relato de Drewry, muito vaidosa, mesmo quando chegaram às primeiras informações sobre o levante dos escravos, tratou de enfeitar-se. Seu marido foi para a frente da casa e, mesmo ante a iminente chegada daqueles, manteve-se a postos, oferecendo-se para o sacrifício, lutando até que a mulher se arrumasse e fugisse para o mato. Passada a revolta, Mary viveu uma longa existência: casou-se com o Sr. Rose e, mais tarde, com um Sr. Moyler.

O destino favoreceu Mary Barrow; esse mesmo destino que condenou outros. Seu irmão George foi surpreendido e executado na estrada, enquanto se dirigia para a caçada à raposa. Edwin Drewry, um parente do historiador W. S. Drewry, também foi surpreendido e morto em meio a uma transação comercial. Drewry e um escravo chamado Stephen havia viajado para a fazenda Jacob Williams a fim de buscar um carregamento de milho. Eles se encontravam no meio do jardim tentando decidir “quem deveria ir para aferição do milho”, quando Drewry ouviu o tropel de cavalos, e gritou

“meu Deus, quem vem lá?” Era a morte que se aproximava; disso se apercebendo, saiu em disparada, sendo, contudo, alcançado e assassinado.

Essa cena e outras de importância similar foram testemunhadas por amos e escravos. Devemos fazer uma pausa neste ponto para registrar que o efeito imediato de todo o ocorrido foi uma breve mas significativa revolução nas relações raciais em Southampton. Eis que, durante toda a segunda-feira e parte da terça, a maioria dos brancos abrandou seu tratamento para com os escravos. Nesse mesmo período de tempo, e pela mesma razão, viam-se sinais de que a maioria dos escravos, mesmo dentre aqueles que não haviam aderido à rebelião, sentiram-se de alguma forma engrandecidos pela audácia de Nat Turner. O espetáculo de ver os brancos encurralados, em pânico generalizado; a visão de poderosos senhores pedindo, implorando por misericórdia; o som de negros dando ordens, comandando; tudo isto abalava, ainda que brevemente, o mito da invencibilidade do branco. Os escravos eram indivíduos, assim que respondiam, cada um a seu modo, às diferentes situações, de acordo com o temperamento e histórico de cada um. Alguns, os corajosos, os aventureiros e os profundamente injuriados, apoiavam Nat. Outros, os tímidos, os cautelosos, os bem-situados, apoiavam os amos. Quanto à maioria, esta se mostrou como sempre, em qualquer revolução: aguardou em cima do muro até que o vento indicasse o caminho a ser seguido. Nada de inusitado havia nesse procedimento. A mesma coisa ocorrera em todos os movimentos revolucionários, nos seus primeiros momentos. O que é surpreendente, todavia, e digno de nota, é que grandes setores dessa maioria oscilante balançou, por um breve período, na iminência de um engajamento radical. Na segunda-feira, vinte e dois de agosto, havia indícios disso em todos os cantos de Southampton. Um indício, refletido nos registros da corte e no testemunho ocular de contemporâneos, era a presença de um grande número de escravos, em Southampton e áreas vizinhas, a vangloriarem-se do que haveriam de fazer aos brancos “se o capitão Nat aparecer”. Outro sinal, de igual significância, era o relativamente grande número de escravos que se havia livrado da escravidão após a morte de seus amos.

Por todas essas razões, então, Southampton no dia da revolta era um local de areias movediças e de alianças. O caso de Lavinia Francis foi característico. Ela

sobreviveu ao ataque, como se viu, ao esconder-se no sótão de sua casa. Quando saiu do esconderijo, surpreendeu-se ao deparar com servos supostamente leais dividindo seu vestido de casamento, e discutindo sobre a disposição de seus bens. No dia anterior, Levina poderia ter dispersado seus escravos com apenas um olhar ou uma palavra. Mas as coisas havia mudado em Southampton, e a dimensão mais assinalada nesse conflito foi o reconhecimento, quase imediato, pelos escravos e pela ama, de que a autoridade de Lavina Francis, sua mística como ama, havia desaparecido. De forma significativa, a iniciativa foi tomada pela jovem escrava, de nome Charlotte, que verberou: “Eu pensei que você estivesse morta”, ao mesmo tempo em que desembainhando um punhal acrescentou: “Se você não está morta, vai morrer agora”. Uma escrava chamada Esther sustou o braço de Charlotte, e disse que a Sra. Francis havia sido uma boa ama e que não merecia ser morta. Assim, pela segunda vez, Lavina Francis escapara da morte; havia, contudo, marcado sua presença no cerne da questão das relações inter-raciais, e a vida para ela nunca mais voltaria a ser a mesma.

Mais ou menos ao mesmo tempo, Jacob Williams surpreendeu-se ao ver, em pleno dia, seu escravo Nélon vestindo suas melhores roupas. William não havia ouvido nada a respeito da rebelião, mas algo em seu interior lhe avisou – ele declararia mais tarde – que o escravo aparentava querer atacá-lo. William tomou a decisão de, face à circunstância, fazer vista grossa ao fato de Nélon não estar naquele momento trabalhando no campo. Como precaução extra, William passou à distância de Nélon, indo direto à mata, a fim de medir madeiras. Este era um comportamento inusitado para um senhor de escravos, que sequer sabia que uma insurreição irrompera à sua volta. Inusitado ou não, isso salvou sua vida; mas desafortunadamente não poupou sua família. Após a execução da esposa e filhos de Jacob Williams, Nélon, “vestido...muito bem, veio até a cozinha e pediu por carne; apanhou um naco contido num pote de sua ama, cortou um pedaço e, de acordo com a escrava cozinheira, que narrou a passagem de Nélon pela cozinha, disse: “Cynthia você não me conhece. Não sei quando você me verá novamente”. Falava por sobre os corpos caídos, sem mostrar qualquer tipo de sentimento, informou a cozinheira.

Um terceiro caso, mostrando ainda mais claramente o rumo para onde soprava o vento, foi um encontro revelador entre uma branca e um grupo de escravos, numa

estrada distante do cenário das ações. Uma terceira mulher, Nancy Parsons, testemunhou mais tarde que “ela viu vários negros parados ao longo da estrada... que [Isaac] jazia a alguma distância do campo desocupado; que [ela] ouvira falar de distúrbios no condado, mas não sabia de que tipo; ouviu que os ingleses estavam no condado; ela pediu a [Isaac] se ele não tinha medo; que, se aparecessem [Isaac] não iria juntar-se a eles e ajudá-los a matar os brancos”.

Resta pouca dúvida, em face desses testemunhos, que a sublevação provocada por Nat estava rompendo com o tecido social do regime escravista de Southampton. E no entardecer daquela segunda-feira, tinha-se a impressão de que Nat e seu exército eram imbatíveis. Então, Nat havia cavalgado cerca de cinqüenta quilômetros sem encontrar qualquer oposição. Atrás de si havia ficado uma trilha vermelha de destruição, e cerca de sessenta brancos mortos. Adiante, mais cinco milhas, estava seu objetivo estratégico, a capital do condado, Jerusalém (hoje, Courtland). Aqui, no portão da propriedade de James W. Parker, na estrada para Jerusalém, e talvez para a vitória, ocorreram eventos importantes. Alguns dos soldados de Nat possuíam parentes na fazenda de Parker, assim que desejavam, naturalmente, fazer uma parada e visitá-los. Nat, entretanto, não concordou, dizendo que seu objetivo era alcançar Jerusalém o mais cedo possível. Os homens pressionaram e ele cedeu, cometendo o erro, compreensível, de permitir que a maioria de seus homens adentrasse a fazenda, enquanto ele permanecia no portão, com um pequeno grupo de oito ou nove. Este foi, sem dúvida, o ponto crítico do drama. Os homens embriagados com o sucesso e, também, com a aguardente, caíram na gandaia. Passado algum tempo, Nat partiu em direção a casa, para buscá-los. Enquanto ausentou-se, um grupo de dezoito brancos atacou o pelotão que ficara no portão, dispersando-o. Assim, quando Nat retornou com o restante do grupo, confrontou-se com a primeira oposição organizada. Sua resposta a esse desafio foi típica: ao invés da retirada, optou pelo ataque, ordenando a seus homens assaltar e atirar nos brancos, que mantiveram sua posição e em seguida se retiraram. O exército dos negros perseguiu os brancos por alguns metros, até que então mais efetivos dos brancos, vindos de Jerusalém, engrossaram a tropa desses. O que aconteceu a seguir é assim descrito por Nat: “Vendo-os remunciar suas armas, e mais homens chegando, e muitos de meus bravos homens sendo feridos e outros

dispersando-se em pânico, os brancos perseguiram-nos e atiravam inúmeras vezes. Hark teve seu cavalo baleado, e eu consegui outro, que passava a meu lado, para ele; cinco ou seis de meus homens estavam feridos, mas nenhum ficara abandonado no campo; considerando-me derrotado aqui, imediatamente decidi que seguiria por uma estrada privada, e cruzaria o rio Nottoway em Cipreste Bridge, cinco quilômetros abaixo de Jerusalém, e atacaria esse lugar pela retaguarda, pois esperava que eles fossem procurar-me na outra estrada, e eu tinha necessidade de lá chegar, a fim de conseguir armas e munições. Após percorrer uma breve distância nessa estrada particular, acompanhado por cerca de vinte homens, alcancei dois ou três que me disseram que os outros se dispersaram em todas as direções”.

Agora, na medida em que o destino de Jerusalém mostrava-se indefinido, Nat alterava posições, retornando sobre seus passos, a fim de recrutar mais gente. Teve sucesso em reunir cerca de quarenta homens, mas foi rechaçado numa segunda batalha, no alvorecer de terça-feira, na residência do Dr. Simon Blunt. Hark e outros insurgentes foram feridos e capturados na batalha.

Após a batalha de Blunt, o equilíbrio de forças rompeu-se, passando a vantagem para os brancos; e percebendo isto, Nat desesperadamente multiplicou seu empenho, despachando patrulhas com o objetivo de reunir suas forças em dispersão. A melhor evidência do poder e autoridade de Nat é o fato de seus seguidores continuarem a obedecê-lo. As oito ou nove horas da manhã de terça-feira, enquanto os brancos davam sepultura a seus mortos, um negro livre chamado Thomas Hatchcock, acompanhado por quatro jovens, visitou a fazenda de Edwards e informou aos escravos que o general Nat partira na direção de Belfield, a fim de matar todos os brancos, e que retornaria à fazenda Edwards na quarta-feira ou na quinta, em busca dos quatro jovens, e os levaria consigo. Na mesma manhã, cerca do mesmo horário, e ao mesmo tempo, dois escravos de Thomas Ridley – Curtis e Stephen –, rodavam o condado em busca de mulas e fazendo aberto proselitismo em favor de Nat. Os dois foram capturados, e admitiram, após intenso interrogatório e tortura, naturalmente, que Nat havia dito para irem aos alojamentos de Newssoms e Allens, a fim de conseguir que outros negros se juntassem a eles. Indagado porque haviam aceitado um encargo tão perigoso, Curtis respondeu que Nat lhe havia dito que os brancos estavam por demais apavorados para

contê-los. Havia outros recrutadores no campo de batalha, notadamente Will Artist e sua esposa. Em torno as três ou quatro horas de terça-feira, Artist e sua esposa visitaram a fazenda de Blunt, e disseram aos escravos que a luta estava longe de terminar. De acordo com testemunhas, Artist disse que abriria seu caminho, matando e ferindo enquanto passasse. E não era apenas conversa fiada. Nat tinha, ainda, pelo menos, um destacamento organizado no campo de batalha. Este destacamento travou uma acirrada batalha contra a milícia branca, na tarde de terça-feira, sofrendo muitas baixas, inclusive Will. Nat, desinformado desse revés, continuou suas manobras por conquistar posições. Escoltado por dois leais ajudantes, Jacob e Nat, instalou um posto de comando na floresta. No entardecer da quinta-feira, de acordo com sua narrativa, enviou Jacob e Nat à procura de Henry, Sam, Néelson e Hark, a fim e instruí-los a se reagruparem, na medida do possível, “no local onde jantamos no domingo anterior – aí deveriam se encontrar comigo. Dessa forma, lá retornei logo que escureceu tendo permanecido até a noite de quarta-feira, quando constatei que os brancos rondavam o local, como se buscassem por alguém, e que nenhum de meus homens veio ao meu encontro. Conclui que Jacob e Nat haviam sido capturados, e compelidos a me trair. Isto fez com que se esvaíssem todas as minhas presentes esperanças, e na noite de quinta-feira, após haver-me abastecido com provisões do senhor Travis, procurei por um buraco, sob uma pilha de moirões no campo, onde me escondi...”

Enquanto isto, a situação tornou-se muito mais complicada. Toda a atividade produtiva em Southampton parou, e grandes espaços na campanha se encontravam abandonados. Muitos brancos largaram suas casas, deixando portas e janelas abertas, em direção a Jerusalém, cuja população de cento e setenta e cinco almas subiu para cerca de seiscentas. Tudo isso foi testemunhado por pessoas que deixaram narrativas. Um branco do local, escrevendo de Jerusalém em vinte e quatro de agosto, disse que “o mais antigo dos moradores do condado jamais havia tido uma experiência tão angustiante como aquela a partir da noite de domingo passado... Cada casa, quarto e esquina neste local [Jerusalém] estão repletos de mulheres e crianças, afastados de suas casas, que tiveram de se esconder nos matos, até chegar a este local...” Passados

cinco dias, um grupo de cidadãos se dirigiu, por carta, ao presidente Andrew Jackson¹⁴, pedindo para que forças federais fossem destacadas para Southampton. “Por toda a estrada palmilhada pelos negros rebeldes”, dizia a carta, “ numa distância compreendendo cerca de quarenta e cinco quilômetros, não existe qualquer alma branca, capaz de dizer quão demoníacos eram seus intentos. No seio de praticamente qualquer família este inimigo ainda se mantém. Nossos lares, aqueles nas proximidades da ocorrência dos danos, bem como outros mais distantes, foram abandonados e nossas famílias se agruparam e reunidas são protegidas em locais públicos do condado...”

¹⁴ - Sétimo presidente dos EUA (1829-1837).

A situação melhorou um pouco com a chegada de forças federais e estaduais. Três companhias de artilharia de campo vieram de Forte Monroe. Dos vasos de guerra da Marinha atracados em Hampton Roads, vieram destacamentos de marinheiros e guardas-marinhas. Da capital do Estado, em Richmond, e de condados vizinhos, apareceram milícias e material de reforço. Somado, era de cerca de três mil homens o contingente disposto a sufocar o levante escravo. O resultado mais imediato da invasão de forças da lei e da ordem dos brancos foi o massacre de negros, que eram torturados até a morte, mutilados e sujeitos a outras atrocidades. Dentre estes estava a mulher de Nat Turner, que foi açoitada num pelourinho. Alguma coisa do espírito da época aparece numa carta escrita pelo reverendo G. W. Powell, que disse: “existem milhares de soldados buscando em todos os cantos, e muitos negros são assassinados todos os dias; o número exato jamais será averiguado”. Em Cross Keys, um analista, mais tarde disse: “três mulheres, escravas de Nathaniel Francis, também dois negros, escravos de Peter Edwards, foram amarrados a um grande carvalho... e fuzilados por raivosos cidadãos”. Em sua fúria, alguns brancos decapitaram os negros e dependuraram suas cabeças em postes ao longo da estrada, como advertência para futuros Nat Turners.

Como a histeria pública se intensificou, escritores de sermões e editoriais reforçaram suas peças com palavras de advertência e sapiência. O problema era claro para o *Richmond Enquirer*, que escreveu em trinta de agosto que “o exemplo de Nat Turner deve alertar-nos. A nenhum negro deve ser permitido sair pelo país como um pregador.” Alguns cidadãos em Richmond e noutras partes acreditavam que o problema era mais ameaçador. Um branco que visitou Norfolk e Richmond e outras partes do Estado disse haver ouvido brancos “amaldiçoando quacres e batistas, os quais iriam arruinar o Estado”. E que “freqüentemente ouço o desejo de que os desgraçados negros sejam todos exterminados”. Essa vontade era expressa por grande parte da opinião pública. Escrevendo no *Constitucional Whig*, de Richmond, em 3 de setembro de 1831, John Hampden Pleasants, sem rodeios, diz: “Que não tenham dúvida, outra dessas insurreições será o sinal para o extermínio de toda a população negra no reduto do Estado onde ocorra”. As implicações de ordem prática de tudo isso foram graficamente detalhadas por um ex-escravo, que foi citado por Thomas Wentworth Higginson. Ele disse: “Ao tempo do velho profeta, Nat, a gente de cor temia rezar em voz alta, pois os

brancos ameaçavam punir-nos terrivelmente, se o menor ruído fosse ouvido. As patrulhas eram integradas por brancos desclassificados bêbados; e na época de Nat, se ouvissem um dos negros rezando, ou cantando um hino, intrometiam-se, insultavam-nos e até assassinavam, antes que o amo ou ama pudesse interferir. Matavam o que de melhor havia naquele tempo.

Entre a última semana de agosto e a primeira de setembro, os melhores eram caçados como animais nos campos e florestas de Southampton. Pode-se seguir o desdobramento dessa caçada humana nos despachos do comandante militar, general-brigadeiro Richard Eppes, e seus subordinados. Na quarta-feira, vinte e quatro de agosto, o general Eppes disse ao governador Floyd que “o número de insurgentes era, de acordo com fontes de inteligência, reduzido a seis – mesmo que não seja improvável que tentem se reagrupar. Doze foram apanhados: alguns foram detidos, não os sediciosos, mas suspeitos; quinze foram mortos, o restante, com o general Nat Turner (pregador e escravo), e Will Artist, um negro livre, tentavam escapar”.

No dia seguinte, John Hampden, um editor em Richmond, trabalhando para o *Richmond Dragons*, enviou o seguinte telegrama desde Jerusalém:

“Neste local encontram-se treze prisioneiros, um ou mais deles gravemente feridos; o mais importante deles, um homem com vinte e um anos, chamado Marmaduke, pode ser considerado um herói, por seu estoicismo. Ele é acusado de ser um terrível criminoso, assassino da Srta. Vaughan, destacada por sua beleza. O padre-capitão ainda não foi capturado...”

Outros prisioneiros foram feitos na sexta-feira, de acordo com a carta de um “cavalheiro”, servindo numa outra unidade militar, os Voluntários de Norfolk e Portsmouth. Ele disse que sua unidade se reportou ao general Eppes e “recebeu ordens de marchar em direção a Cross Keys [onde eles] haviam conseguido fazer prisioneiros e traziam doze homens e uma mulher que teria tido participação muito ativa, junto com o cabeça, o célebre Néelson, chamado pelos negros de “general Néelson” e o “pagador” Heney, cuja cabeça é esperada a qualquer momento...” No sábado, vinte e sete de agosto, outro jornalista do *Richmond Dragoons* escreveu que “a guerra terminou, e o inimigo foi capturado, com exceção de seu chefe, o notório capitão Nat, e outros dois ou três”. Esta notícia era confirmada no dia seguinte pelo general Eppes, que disse ao

governador: “Os insurgentes estão todos capturados ou mortos, com exceção do Sr. Turner, o líder, para o qual ainda há busca. As tropas serão brevemente desengajadas”.

Este era um comunicado oficial, e talvez seja o único documento oficial na história do regimento escravista em que franca e respeitosamente se refere a um servo como Senhor. Essa não era uma frase isolada. A grandiosidade da iniciativa de Nat levava ao respeito. Em vinte e nove de outubro, o *Nile's Register*, de Baltimore, se referia a Nat como “o ilustre líder dos negros, no massacre na Virgínia...”

Embora o Sr. Turner tenha permanecido fora do alcance, a corte do condado de Southampton iniciou na quarta-feira, trinta e um de agosto, o julgamento dos indiciados como co-conspiradores, que seguiu o rito jurídico da escravidão, mas eram, não obstante, superficiais. Não havia corpo de jurados, e os escravos rebeldes eram julgados por um grupo de juizes de paz, todos proprietários de escravos ou ligados a esses. Os brancos que sobreviveram, especialmente o viúvo Levi Waller, a viúva Mary Barrow e escravos leais, identificavam os acusados. Mas em muitas instâncias, testemunhos de convocados pela acusação foram contraditados pelo testemunho de escravos e de, pelo menos, dois senhores de escravos. Não ficou muito claro como os julgadores resolveram o contraditório, pois não havia inquirição, nem os acusados podiam fazer sua autodefesa.

Os julgamentos prosseguiram ininterruptamente do fim de agosto até fins de outubro. Às doze horas do dia dois de setembro, Thomas Trezevant, o agente do correio de Jerusalém registrou numa carta ao jornal *Constitutional Whig*, de Richmond, que “estamos progredindo, mas lentamente, devido ao grande número de testemunhas que devem ser trazidas de diversas partes do condado. Até onde chegamos, o testemunho tem sido forte e conclusivo no que tange aos conspiradores. Ainda nenhum testemunho consistente induz à crença de que a conspiração tenha sido, no seu todo, apenas uma. Darei mais detalhes sobre as circunstâncias à medida que ocorrerem, até amanhã, na hora do fechamento da mala postal, então concluirei com um pós-escrito...”

À uma hora dessa tarde, Trezevant acrescentou seu primeiro pós-escrito:

“Fomos recém informados de que Billy Artist, homem livre e um dos líderes, recém se suicidou. Não há duvidas de que morreu; incerto que tenha sido por suas próprias mãos; relatos posteriores confirmam que Artist está morto”.

Às seis horas outra nota:

“Hoje temos sido mais despachados; a corte recém decidiu por voltar a se reunir na segunda-feira. Condenou quatorze de um total de quinze.

No dia seguinte, pouco antes de enviar a carta, Trezevant acrescentou um pós-escrito derradeiro:

“P.S. – Noite de sábado, três horas. Nada mais ocorreu hoje. *Começamos o enforcamento amanhã*”. [Itálicos apostos por Trezevant]

Os primeiros rebeldes executados na forca foram Daniel Porter e Moses Barrow. Na sexta-feira, nove de setembro, cinco escravos, inclusive Hark, Sam e Néelson, foram enforcados. Na segunda-feira, vinte e seis de setembro, Lucy, a única mulher condenada, deixou a cadeia e se deslocou, em seu ataúde, até a árvore onde a penduraram.

Vinte e nove pessoas, inclusive quatro meninos, foram condenadas e executadas na forca ou transportadas. Quase todos os observadores contemporâneos disseram que os insurgentes abatidos nos campos morreram sem arrependimento. Uma testemunha branca, registrada pelo historiador Herbert Aptheker, disse que “alguns deles, que foram feridos, na agonia da morte declaravam-se felizes porque iriam encontrar Deus, que tinha algo a ver com o que eles haviam feito...”

O governador Floyd disse: “todos morreram com bravura, não demonstrando relutância em dar suas vidas pela causa”.

Enquanto os insurgentes marchavam desafiadoramente para a forca, ondas de pânico se espalhavam pelo Sul. De Baltimore, onde as casas de negros livres foram revistadas; de Dover County, em Delaware, onde diversos negros foram presos e executados; de Frankfort, em Kentucky, onde circulavam rumores de que escravos haviam capturado toda a costa Sul; de Charleston e Nova Orleães, e Macon, na Geórgia, vinham narrativas de insurreições ou ameaças de levantes.

Uma história vinda de Wilmington, na Carolina do Norte, era incrível. De acordo com o telegrama que chegou a Raleigh, às dez horas da noite de segunda-feira, doze de setembro, Wilmington havia sido saqueada; a metade dos habitantes havia sido assassinada, e um exército de dois mil negros desfilava na capital do Estado. Esta notícia era falsa. Todavia, outro telegrama que chegou à mesma noite, aparentemente

era legítimo. O segundo telegrama, dizia que, de acordo com as notícias, “os negros dos condados de Duplin, Balden, Sampson e outros se encontravam em estado de insubordinação, assassinando as pessoas e queimando tudo que encontravam à sua frente, próximo à linha de Sampson e Johnson”.

Tudo isso, se pode imaginar, causou grande consternação em Raleigh, que se transformou numa base de guerra. Um relato dava conta que “os homens mais hábeis eram organizados em quatro companhias, a fim de, por turnos, patrulhar as ruas durante a noite. Os mais velhos organizaram a companhia Cabelos Brancos. O forte era a igreja presbiteriana. Ficou acordado que quando o sino do Capitólio ecoasse as mulheres e as crianças deveriam acorrer lá buscando proteção. Eles perscrutaram e esperaram com ânsia e medo. As notícias de Wilmington aumentaram seu horror”.

O resultado imediato de tudo isto foi um tanto de pura farsa. Dizia uma narrativa: “Uma noite, a oficina do ferreiro O'Rourke pegou fogo; o sino do Capitólio repicou disparando seu alarma, que foi ouvido de um a outro canto da cidade. A cidade adormecida transformou-se em seguida num pandemônio; o dia derradeiro e inevitável havia chegado; Nat Turner e seus seguidores estavam em seu encalço, eis que o sinal combinado tinha essa finalidade. Os negros ficaram mais aterrorizados do que seus amos, que fugiam para seus lares, escondendo-se nas moitas, deitando-se nas alamedas dos milharais – em qualquer lugar, enfim, para escapar da destruição. As mulheres, despenteadas e com roupas de dormir, corriam pelas ruas em grande velocidade, buscando um lugar de refúgio. Era uma questão de vida ou de morte para eles, e o sentimento fora sempre de grande alívio quando a causa real para o alarme se tornava conhecida”.

Releigh não foi a única. Houve cenas semelhantes em diversas cidades pelo Sul. Seria dito mais tarde que fora uma resposta exagerada para um perigo inexistente. Mas fora mais do que isto. Houve, sem dúvida, exagero, mas houve também perigo real, um perigo que se tornou concreto e ameaçador na possibilidade de grande número de levantes ou tentativas, no eclodir da revolta de Nat Turner. Mais do que isto, mais profundo ainda, foi o conhecimento trazido pela revolta de Turner, o conhecimento de que havia um Nat Turner em potencial em cada fazenda.

A suspeita de que um Nat Turner poderia estar em cada família e em todas as fazendas – era o que alimentava o fogo. E à medida que as chamas moviam-se de uma para outra comunidade, funcionários estaduais e federais agiam em todo o país, em busca do homem que pusera fogo. Prêmios que montavam mil e cem dólares eram oferecidos por informações que levassem à sua captura. O governador Floyd passou a receber quantidade de informações falsas, de que Nat havia sido capturado em Ohio, Baltimore ou nas Índias Ocidentais.

Nat não se encontrava em Ohio, não se havia afogado tentando atravessar New River, como dizia um relato. Ele estava, ainda, numa caverna em Southampton, distante uns poucos quilômetros do local de sua primeira incursão. Por seis longas semanas, enquanto ocorria a maior caçada humana da história da Virgínia, ele se mantivera num buraco, apenas saindo à noite em busca de alimento e água, bem como para ouvir, pelas janelas, fragmentos de informações. Era um viver perigoso. Mais tarde ele diria que “tinha medo de falar com qualquer ser humano”, e quase fora capturado uma centena de vezes. Mas, mesmo na adversidade, mantivera um sentido de esperança e disciplina. Para acompanhar o tempo, construiu um calendário rudimentar, fazendo um corte numa vara, cada dia.

Ele diria: “Não sei por quanto tempo teria ficado assim, não fosse um incidente que me traiu. Um cachorro da vizinhança, numa noite em que estava ausente, passando pelo buraco onde me escondia, foi atraído pelo cheiro de algum pedaço de carne que mantinha em minha caverna e arrastou-se até roubá-la. Ele ia saindo no momento em que eu retornava. Umas poucas noites adiante, dois negros que haviam saído para caçar, junto com o mesmo cachorro, passaram pelo mesmo caminho. O cachorro buscou de novo o buraco, e tendo recém saído para dar uma volta, descobriu-me e latiu. Sentindo-me descoberto, me dirigi aos negros pedindo que guardassem segredo... Quando viram que era eu, fugiram. Sabendo que iria ser traído, imediatamente abandonei meu esconderijo, e passei a ser incessantemente perseguido”.

Muita coisa haveria de ser escrito adiante, para celebrar o fato de Nat haver sido expulso de seu esconderijo por escravos fiéis ao sistema escravista. Mas isto não surpreendeu Nat, tampouco deve nos surpreender. Todo o regime de opressão cria cúmplices e opositores, e as circunstâncias que envolvem a captura de Nat indicam a

existência de opositores, bem como cúmplices nas vizinhanças. O fenômeno verdadeiramente surpreendente em todo esse caso, como observou Henry Irving Tragle¹⁵, é que Nat foi capaz de evitar sua captura por seis longas semanas, arrastando-se numa vizinhança próxima repleta de guardas e captores. Não se conhecem evidências de como ele conseguiu isso, mas é razoável inferir, como Tragle o fez, que alguns negros sabiam ou suspeitavam de que ele se encontrava na vizinhança. Sendo assim, não o traíram, tendo permanecido assim até o domingo, dia trinta de outubro, quando acidentalmente foi descoberto e capturado por um pobre agricultor branco num buraco sob um pinheiro caído, próximo da residência de seu último proprietário. Foi com grande dificuldade que conseguiram levá-lo com vida para Jerusalém. Contam que, ao longo do caminho, as pessoas cravaram pinos e cuspiam em Nat.

Acorrentado e açoitado por guardas e atormentadores, Nat chegou a Jerusalém – teria se lembrado do verso bíblico que diz que Jesus seria levado a uma cidade chamada Jerusalém onde seria maltratado e crucificado? – à uma hora e quinze minutos da tarde da segunda-feira, trinta e um de outubro. Dois juízes de paz, imediatamente, o questionaram à frente de uma grande concentração de autoridades e espectadores. O chefe dos correios, Thomas Trezevant, se encontrava presente e registrou que “durante toda a audiência, ele demonstrou muita inteligência e bastante astúcia intelectual, respondendo cada pergunta, clara e distintamente, sem embaraço ou prevaricação”. Trezevant disse, Nat reconheceu haver agido errado, mas Trezevant pode haver mal-entendido suas palavras, pois outra testemunha disse que Nat se mostrava impenitente e ainda “fingindo que era um profeta”, como consta de um relato. Nat disse aos juízes que o examinavam que acreditara, por um longo período, ser um mensageiro de Deus, e que sua ação havia sido sancionada por Ele. Perguntaram-lhe nesse dia e noutros:

“ Você não julga agora que errou?”

Ele teria respondido sempre:

“Cristo não foi crucificado?”

¹⁵ - Em “*The Southampton Slave Revolt of 1831*”.

Do dia de sua inquirição até o da execução Nat foi molestado de diversas formas por seus captores e caçadores de notoriedade. Alguns brancos queriam simplesmente olhá-lo. Outros queriam chegar perto o bastante para poder ferí-lo. Todos, funcionários, caçadores de notoriedade e parentes das vítimas, desejavam saber o que o tornara tão seguro de si.

Ninguém levou essa obsessão tão longe quanto Thomas R. Gray, que era, de longe, era o mais interessante dos parasitas de Southampton. Gray era advogado e senhor de escravos. Segundo Tragle, teria entre sessenta e setenta anos de idade, e era casado com uma jovem, com idade ente os trinta e os quarenta.

Gray foi atraído pelas contraditórias motivações de Nat. Como bom escravista do Sul, se encontrava, por certo, terrorizado pela façanha de Nat. Mas uma façanha é uma façanha, e Gray, homem que vivia das palavras, e frustrado escritor, foi rápido em reconhecer que a façanha de Nat criara tanto interesse público que uma pessoa esperta poderia obter dinheiro disso. Gray, em outras palavras, era algo como um operador, e assim que viu em Nat – de acordo com todas as evidências disponíveis – um padrão de mercado que transcendia os limites escravistas.

Há razões para acreditar que Gray já havia planejado um livro a respeito da insurreição. Quarenta e quatro dias antes da captura de Nat, um cavalheiro não identificado de Southampton, familiarizado com as cenas que descrevia, escreveu uma nota para o *Constitutional Whig*, de Richmond, no qual antecipava um pouco da linguagem e detalhes de *Confissões*. A evidência sugere, como garantiu Tragle (Henry Irving), que o cavalheiro de Southampton era Thomas R. Gray, que se acercou de Nat imediatamente após sua captura, prometendo a publicação de uma “autêntica confissão” para “satisfação da curiosidade pública”.

Isso foi, para dizer o mínimo, muito irregular. Gray defendera alguns dos rebeldes, tivera acesso a documentos oficiais e ao resultado de outros interrogatórios – *mas não era o advogado de Nat Turner*. Se os procedimentos legais houvessem sido mantidos, a corte talvez tivesse proclamado que a intervenção de Gray comprometera a defesa de Nat.

Mas nem Nat Turner ou Thomas R. Gray estavam ligados naquele momento a aspectos legais. Eram ambos realistas. Ambos sabiam que nada poderia alterar o que

se aproximava, e ambos – por razões diferentes – desejavam ter a maior audiência possível. O resultado foi um pacto entre esses dois sulistas atípicos – um pacto que garantiria que as palavras e ações de Nat jamais morreriam.

Por três dias, da terça-feira, primeiro de novembro, até a quinta-feira, três desse mês, Nat sentou-se, numa maneira de dizer, posando para a imortalidade. Nos primeiros dois dias, Nat falou em Gray ouviu. Enquanto Nat falava, Gray fazia anotações, e “tendo a vantagem de seu depoimento para mim, por escrito, na noite do terceiro dia em que estive com ele, iniciei uma inquirição, concluindo que seu testemunho era corroborado por todas as circunstâncias que chegaram ao meu conhecimento, ou pelas confissões de outros que ou foram mortos ou executados, os quais não viu nem tomou qualquer conhecimento, desde o dia vinte e dois de agosto passado...”

O documento que emergiu dessas sessões não contém, pode-se ter certeza, tudo o que Nat disse, sequer as coisas mais importantes. Parece, também, que o esperto Nat, que dominava as palavras, usou Gray na mesma medida que esse o usou. Ele, fora de dúvida, desejava esculpir a imagem histórica da revolta, e é razoável que se conclua que disse a Gray a verdade, mas que não lhe informou toda a verdade que conhecia.

É surpreendente nesse contexto que Nat não comprometeu qualquer dos insurgentes que não foram assassinados ou julgados e sentenciados. Nunca falou dos negros livres sediciosos, tampouco mencionou escravos que lhe deram apoio ao longo da jornada. Como conseqüência, nenhum escravo foi julgado tendo por base “sua total e completa confissão”.

Isso não mostra, de forma alguma, que *Confissões* seja questionável; simplesmente significa que deve ser visto segundo a forma como Nat o ditou: de modo elíptico e, sim, conspiratório. Por causa de *Confissões* talvez nós saibamos muita coisa a respeito de como funcionava a cabeça de Nat e de talhes da conspiração. Mas há muito que não sabemos, e que talvez nunca venhamos a saber. Por exemplo, a questão dos nomes. Muito de evidência estabelece que o general Nat e muitos membros de seu exército adotaram novos nomes. Nat, por exemplo, diziam haver se denominado general Cargill. Hark Travis, como se viu, era chamado de general Moore. O que era verdadeiro para os líderes também era para as tropas de choque. Para citar apenas um caso, Levi

Waller, o amo de um escravo chamado Davy, testemunhou que “na segunda-feira, dia 22 de agosto de 1831, um bando de negros apareceu em sua casa, matou toda sua família, mas que Davy, o prisioneiro, não estava na casa; chegou quando os negros estavam lá... bem vestido... bebeu com eles... e cavalgou o cavalo de seu amo cheio de si... foi chamado de irmão *Clements* por um do grupo; partiu esbanjando alegria”.

O que isso tudo significava? Quando Davy se tornou “irmão *Clements*?” Mais importante, quando os demais membros do grupo souberam que ele era o “irmão *Clements*?” Teriam participado de encontros secretos? Teriam montado uma estrutura secreta de códigos, nomes e palavras codificadas?

“*Confissões de Nat Turner*” é silente nesse ponto e ambíguo no que tange à preparação que precedeu a revolta. Nat diz-nos em *Confissões* que ele agiu quase no impulso do momento e que deu conhecimento a uns poucos escravos. Mas há evidência, como vimos, de que mais escravos foram abordados na semana que antecedeu à revolta. Uma escrava testemunhou nas sessões de julgamento que ouvira sobre a revolta, pelo menos nos últimos dezoito meses. Seu testemunho nesse ponto era vago. Mas era muito específico num outro ponto, ao dizer que “no dia quinze de agosto passado [uma semana antes da revolta] na casa de um negro em Solomon Parkers ela ouviu os prisioneiros [três escravos chamados Jim, Isaac e Preston] dizer que se a gente de cor chegasse eles se juntariam e ajudariam a matar os brancos, isto após haverem falado certa feita que ela chegou e não ouviu o início da conversa; havia vários escravos presentes e um deles informou que seu amo o havia marcado e que ele faria o mesmo antes do fim de ano. Testemunhas ouviram três outros escravos fazerem a mesma afirmativa algum tempo antes na vizinhança... Eles disseram que se tratava de um segredo e que se ela contasse a um branco seria assassinada...”

Estaria essa testemunha dizendo a verdade?

Havia mais na insurreição do que Nat havia revelado?

Não se sabe. Tampouco se sabe o propósito final do ataque. Muitos analistas aceitam que Nat disse tudo o que sabia em *Confissões*. Mas existem evidências internas e externas a mostrar que Nat estava, em parte, a jogar o velho jogo de escravos contra os seus senhores (um fingido sim senhor, amo). O testemunho de um branco não identificado, que participou do primeiro interrogatório oficial de Nat é

relevante neste contexto. Vagamente aborrecido pelas respostas ambíguas de Nat, ele passou a pressioná-lo especificamente quanto ao plano. Nat respondeu, como respondera em *Confissões*, com uma torrente de palavras sobre o espírito e o Espírito Santo. O branco pediu-lhe para ser mais claro. Como ele partiu de vagos comandos oriundos do Espírito Santo à ação em concreto? E precisamente, qual era o plano? Nat soltou outra torrente de palavras, fazendo com que o branco desistisse, dizendo: “Como surgiu a idéia ou em que momento se conectou com seus símbolos etc. eu não pude fazer com que explicasse de maneira completamente satisfatória – não obstante, o examinei bem de perto nesse ponto: *ele sempre pareceu estar mistificando*.”

Essa é uma passagem importante, subestimada por muitos historiadores. E é por certo relevante que alguns dos insurgentes capturados, e uns de seus captores, afirmaram haver mais no movimento do que o admitido por Nat. O objetivo estratégico mencionado mais amiúde nos registros tratava de Dismal Swamp. Um branco, escrevendo daquele local em vinte e quatro de agosto, dizia claramente que “a intenção dos negros era alcançar Dismal Swamp”. Se podemos dar crédito à narrativa dúbia que Samuel Warner escreveu antes da captura de Nat, Dismal Swamp foi também mencionada na “confissão de um dos condenados”. De acordo com Warner, o insurgente inominado disse ter havido uma diferença de opiniões entre “os três principais líderes quando do início” da insurreição. Um dos subordinados de Nat sugeriu que eles “deveriam manter-se em segredo na escuridão de Dismal Swamp, até que aparecesse uma oportunidade para que escapassem para Estados sem escravidão ou algum país estrangeiro”. Mas Nat “era pelo total extermínio dos brancos, sem considerar idade ou sexo, e que agindo assim em breve teriam condições (copiando o exemplo lavrado por seus irmãos em Santo Domingo) de estabelecer um governo próprio, e que ele havia recebido a promessa de ajuda de seus irmãos escravizados na Carolina do Norte, em Maryland etc.”

Houve outras variantes sobre o mesmo tema. Um correspondente de Southampton, transcrito pelo *Norfolk American Beacon*, em vinte e nove de agosto, dizia que “escravos de Broadnax firmaram seu objetivo a ser alcançado nos Estados livres, onde esperam fazer proselitismo e retornar para dar assistência a seus irmãos”. Talvez a narrativa mais intrigante veio da parte de John Hampden Pleasants, ao informar de

Southampton que “alguns deles diziam que o objetivo era alcançar Norfolk, seqüestrar um navio e ir para a África”.

Seja qual for a verdade, é difícil acreditar que Nat foi capaz de persuadir outros escravos a se rebelarem sem revelar um plano de tal magnitude. Mas os detalhes do plano, se existiram, não foram abordados em *Confissões* ou no julgamento.

O julgamento teve lugar no sábado, cinco de novembro, na corte de Southampton, em Jerusalém. Dez juizes de paz ocuparam seus assentos na corte, e guardas adicionais cercavam o prédio do tribunal “a fim de repelir qualquer tentativa para libertar Nat da custódia do xerife”. O breve, pouco elucidativo sumário da corte não faz menção à reação dos presentes, mas podemos ter certeza que o recinto ressoou surpreso e excitado quando Nat Turner adentrou “sob a custódia do carcereiro e postado à barra”. A primeira determinação foi no sentido de que fosse nomeado um “advogado para a defesa do prisioneiro”. Foi designado William C. Parker, advogado que defendera outros insurgentes e cuja atuação prévia não podia dar qualquer esperança para o réu. Numa irônica nota de rodapé, há o registro de que a corte determinou honorários de dez dólares pela defesa de Nat, e que essa importância deveria vir da propriedade de seu antigo amo, que fora uma das primeiras vítimas da insurreição.

O julgamento se iniciou com o preenchimento de “uma notícia” contra Nat, por Merriweather B. Broadnax, conselheiro na Comunidade da Virgínia. O acusado, disse, é indiciado pelo crime de “conspirar para rebelião e promover a insurreição”. Jeremiah Cobb, juiz presidente, aceitou a notícia e formalmente dirigiu-se ao acusado:

Como se considera o acusado?

Nat Turner se disse “inocente”, “informando a seu defensor que ele não se sentia assim”.

A primeira testemunha de acusação foi Levi Waller, uma figura trágica que perdeu todos os membros de sua família, e que pode ter encontrado algum consolo desempenhando o papel principal, pois de fato foi a única testemunha contra o líder da rebelião. Essa testemunha disse, de acordo com as notas do sumário da corte, “que na manhã de vinte e dois de agosto último, entre nove e dez horas da manhã, soube que os negros se haviam rebelado e estavam a caminho, matando os brancos. A testemunha determinou que seu filho Thos fosse até a escola, que ficava quase dois quilômetros de sua casa etc. a fim de dar notícia do que ocorria e para que as crianças voltassem para casa. O senhor Crocker/ o mestre-escola/ veio com a criança

testemunha/ a testemunha disse-lhe para ir em casa a fim de carregar as armas, mas antes das armas serem municadas o senhor Cocker foi até o alambique, onde a testemunha se encontrava e disse que eles estavam à vista. A testemunha retrocedeu e se escondeu num canto da cerca entre as folhagens / atrás do jardim / do lado oposto à casa. Vários negros o perseguiram, mas escapou por cair em meio às folhagens. Um negro cavalgou em sua direção, buscando-o entre as folhagens, mas não conseguiu divisá-lo. Teve a impressão, então, que o grupo interessou-se por outra pessoa, deixando-o em paz. Viu a seguir que eles buscavam seu ferreiro – A testemunha fugiu para o pântano, que não ficava muito distante. Após haver aí ficado por algum tempo, a testemunha voltou para casa – antes da fuga, viu vários membros de sua família sendo assassinados pelos negros. A testemunha arrastou-se até próxima da casa para ver o que estava acontecendo, e escondeu-se no pomar, atrás da casa – os negros bebiam – A testemunha viu o réu, que ele conhecia muito bem, montado (ele pensou no cavalo do doutor Musgrave) assinalando que o prisioneiro parecia comandar o encontro – fez Sam, negro de Peter Edwards, que parecia disposto a ficar, ao invés de seguir com eles – o prisioneiro deu ordem ao grupo para seguir em frente, e quando deixaram essa casa – A testemunha afirma que ele não pode estar enganado quanto à identificação do prisioneiro...”

A testemunha seguinte foi Samuel Trezevant, juiz de paz na localidade. Estritamente falando, ele não era uma testemunha. Foi levado à corte para certificar a confissão de Nat, o que fez rápida e eficientemente, dizendo que ele e James W. Parker “eram os juízes ante os quais o prisioneiro depôs, antes de ser trazido a julgamento – que o prisioneiro então se encontrava em confinamento, mas que nenhuma ameaça ou promessas ocorreram influenciando em seu depoimento. Que ele admitiu ser um dos insurgentes envolvidos na recente rebelião, sendo o líder dentre eles – que ele desferiu o primeiro golpe em seus amos, senhor Travis e sua esposa, antes que fossem liquidados – que ele matou a senhorita Peggy Whitehead – que ele se encontra entre os insurgentes desde o primeiro momento até que fossem dispersos, na manhã de terça-feira, após iniciada a rebelião – que ele fez uma longa narrativa dos motivos que o levaram finalmente a começar o sangrento movimento – que ele fingiu haver sido

chamado, por presságios de Deus, determinando que ele devesse dar início ao desesperado ataque...”

Este era o cerne da acusação. Sem maiores discussões ou argumentos, Broadnax encerrou sua denúncia. O foco de atenção desviou-se então para William C. Parker. Este sabia – todos sabiam – tratava-se de uma charada sem sentido. Vinte mil anjos jurando sobre a Bíblia sagrada não teriam salvado Nat, e Parker sequer tentou. Ele não reinquiriu a testemunha da acusação; não apresentou qualquer testemunha de defesa – submeteu o caso à corte sem qualquer argumento.

Tudo, pode-se ter certeza, era observado com interesse pelo outro amigo legal de Nat, Thomas R. Gray, que se mantivera ocupado. Acabara de organizar *As Confissões de Nat Turner* “ como eles as fez, por completo, voluntariamente, para” Thomas R. Gray, que já tinha um contrato firmado com uma editora de Baltimore. Tudo que ele necessitava para receber um troféu editorial, e uma data de lançamento para novembro, era o veredito da corte. Não teria que esperar muito. Para surpresa de ninguém, a corte decidiu quase imediatamente que Nat era culpado de todas as acusações contra si. A sentença foi prolatada por Jeremiah Cobb.

“A decisão desta Corte”, proferiu, “é que você seja levado daqui para a prisão de onde veio, e daí para o local de execução, e, na próxima sexta-feira, entre as dez da manhã e às duas horas da tarde, seja pendurado pelo pescoço até que morra! morra! morra! e que o Senhor tenha misericórdia de sua alma”.

Assim aconteceu. Na sexta-feira, 11 de novembro de 1831, Nat foi levado da cadeia de Southampton para um campo nas proximidades da corte. Fora do mundo do qual estava por deixar, Nat caminhou de cabeça erguida para a árvore escolhida como a da execução. “Nenhum membro tremia”, disse uma testemunha. Outra disse: “Ele não demonstrava qualquer emoção, mas aparentava estar completamente despreocupado ante o terrível evento que o aguardava, tendo, mesmo, apressado o carrasco a cumprir com seu dever. Exatamente às doze horas ele foi mandado para a eternidade”. Quando Nat foi dado como efetivamente morto, seu corpo foi esquartejado, e lembranças, inclusive bolsas, foram feitas com sua pele. Isto, entretanto, não era o fim do caso. Antes de assomar ao patíbulo, Nat fez uma derradeira profecia, dizendo que ocorreria uma tempestade após sua execução, e que o sol não iria brilhar. E, realmente, ocorreu

uma tempestade em Southampton, naquele dia. Mas Nat proferiu uma parábola – e parábolas não devem ser interpretadas literalmente. A tempestade que ele vislumbrou ocorreu na geração das crises que foram o resultado derradeiro de sua iniciativa. E essas crises desembocaram – Nat teria vislumbrado isso? – nos rios de sangue que encobriram o sol da América, durante a grande guerra que pôs fim à escravidão.